

Ensino e educação
com
Igualdade
de Gênero

na Infância e na Adolescência

Guia Prático para Educadores e Educadoras



Ensino e educação
com
Igualdade
de Gênero
na Infância e na Adolescência

Guia Prático para Educadores e Educadoras



3ª Edição Revista e Ampliada
São Paulo, 2022

Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência
Guia Prático para Educadores e Educadoras

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Instituto de Estudos Avançados (IEA)

3ª Edição Revista e Ampliada, 2022



Esta obra é de acesso aberto. É permitida reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

Reitor - Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora - Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitor de Graduação - Aluísio Augusto Cotrim Segurado

Pró-Reitor de Pós-Graduação - Márcio de Castro Silva Filho

Pró-Reitor de Pesquisa - Paulo Alberto Nussenzeig

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária - Marli Quadros Leite

Pró-Reitora de Inclusão e Pertencimento - Ana Lucia Duarte Lanna



Instituto de Estudos Avançados - IEA

Diretor - Guilherme Ary Plonski

Vice-Diretora - Roseli de Deus Lopes

Equipes responsáveis pela 3ª edição

Autoras	Profª Drª Rosa Ester Rossini Drª Rochelle G. Saidel Drª Sonia Alves Calió
Coordenadora Geral	Roseli de Deus Lopes
Apoio à produção	Fernanda Cunha Rezende
Coordenação de conteúdo e edição	Áurea Lopes
Pesquisa e redação	Bruna L. J. Falleiros
Projeto gráfico e editoração	Gisela Dias
Ilustração na capa	Freepiks.com

Catálogo na Publicação
Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica

Rossini, Rosa Ester

Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia prático para educadores e educadoras [recurso eletrônico] /Rosa Ester Rossini, Rochelle G. Saidel, Sonia Alves Calió – 3.ed. rev. e ampl. -- São Paulo : Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, 2022.

58 p. : il.

ISBN 9786587773278

DOI 10.11606/9786587773278

1. Gêneros (grupos sociais) 2. Ensino fundamental 3.
Identidade de gênero I.Saidel, Rochelle G. II. Calió, Sonia Alves
III. Título

CDD (23.ed) – 305.3

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira – CRB-8/6888

Primeira edição:

Universidade de São Paulo

Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero

(Nemge) / Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais (Cecae), 1996, 54 páginas.

Apoios: Ministério da Educação e do Desporto (MEC)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Segunda edição:

Universidade de São Paulo

Nemge / Cecae, 2006

80 páginas

ISBN 85-7506-107-0

Sumário

5	APRESENTAÇÃO
8	PARTE 1 - UMA INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE GÊNERO
8	O que é gênero?
8	O que é igualdade e equidade de gênero?
9	O que é preconceito de gênero?
11	O que é estereótipo de gênero?
11	O preconceito de gênero na sala de aula...
12	... nos livros e materiais didáticos
15	A importância do papel da escola e docentes
17	PARTE 2 - PARE E PENSE: AUTOAVALIAÇÃO DOCENTE
20	PARTE 3 - ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A DIVERSIDADE, A IGUALDADE E A EQUIDADE DE GÊNERO
21	Esportes e educação física: cooperação e não competição
24	Atividades lúdicas: brincadeiras e brinquedos
26	A importância da autoestima
27	O ensino de sexualidade e saúde
29	Educação para o trabalho: a profissão no futuro
32	Proteção especial a crianças, adolescentes e família
36	Evitando os estereótipos de gênero
37	Trabalhando com a escola, a família e a comunidade
39	Atividades para o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher
41	PARTE 4 - COMO EVITAR O SEXISMO NA LINGUAGEM
42	Sugestões e Possíveis Soluções
43	PARTE 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS
45	PARTE 6 - POSFÁCIO
46	Mensagens das edições anteriores
51	PARTE 7 - REFERÊNCIAS: BIBLIOGRAFIA, LEITURAS, INFORMAÇÕES E RECURSOS
51	Referências bibliográficas e sugestões de leitura
55	Fontes de informação e recursos
58	SOBRE AS AUTORAS

Apresentação



Esta terceira edição da publicação Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência - **Guia Prático para Educadores e Educadoras** é o resultado de experiências acumuladas por professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores que estudam as questões de igualdade, equidade e diversidade de gênero.

Foi idealizado como um instrumento de orientação e de autoavaliação para docentes da educação básica, auxiliando o desenvolvimento de práticas didáticas que contribuam para extinguir os preconceitos de todas as naturezas na formação de crianças e adolescentes, adquiridos tanto por herança cultural da sociedade, quanto por menções e concepções equivocadas eventualmente presentes nos materiais educacionais.

O conteúdo deste Guia não pretende ser exaustivo, nem portador de receitas mágicas.

É, antes de mais nada, provocativo para a reflexão e propositivo para a aprendizagem por interação e participação. Seu conteúdo, em linguagem acessível e com opções interativas, resulta de uma combinação de pesquisa conceitual, levantamento de atividades, com-

pilação de fontes de informação para o aprofundamento dos temas, além de uma recomendação de autoavaliação com o propósito de facilitar o autoconhecimento e a adequação docente para a diversidade, a igualdade e a equidade de gênero no ambiente educacional.

Cabe à escola colaborar com a eliminação de visões de mundo e de pessoas estereotipadas, frequentes em salas de aula, nos livros escolares e na literatura infanto-juvenil, favorecendo o acesso a conteúdos mais efetivos e concretos a respeito do comportamento humano.

Educadoras e educadores, naturalmente, precisam usar sua criatividade e sua experiência para escolher, dentre esses meios, os mais apropriados para a faixa de idade e o nível de desenvolvimento de suas alunas e de seus alunos.

Nosso desejo é de que este Guia permita, por um lado, o melhor entendimento sobre as questões de igualdade, equidade e diversidade de gênero e o alcance de novos recursos para um ensino que estimule o debate em sala de aula e favoreça a formação de opiniões que contemplem a justiça, incluindo o grupo LGBTQIA+ ou, em outras palavras, para todas as pessoas.

É nossa intenção que estas palavras e imagens sirvam como uma ponte entre a teoria e a prática, fortalecendo atitudes em favor não apenas do bem-estar de cada pessoa, mas também do seu desenvolvimento cultural, econômico e social.

Como consta no Relatório da 4ª e última Conferência Mundial sobre a Mulher, China:

“A criação de um ambiente educacional e social onde homens e mulheres, meninos e meninas sejam tratados/as igualmente e encorajados/as a explorarem completamente seu potencial, respeitando a liberdade de pensamento, de consciência, de religião e de crença, e onde os recursos educacionais promovam imagens não estereotipadas de homens e mulheres pode ter resultado efetivo na eliminação das causas de discriminação contra as mulheres e desigualdades entre as mulheres e os homens”. (ONU, 1995, p. 29).

A escola tem a relevante oportunidade de transformar a sociedade. É a escola que forma, juntamente com a família, o arcabouço de valores culturais das pessoas que vão construir o futuro do país. Reconhecemos, entretanto, que a implantação de mudanças para promover a diversidade, a igualdade e a equidade é um processo. E cada passo precisa ser dado com cuidado e coragem.

A equipe responsável por este Guia expressa profundo agradecimento a todas as pessoas que colaboraram na realização deste trabalho, pelo incentivo, pelo apoio e pelas discussões proveitosas.

São Paulo, abril de 2022.

MENSAGENS - 3ª EDIÇÃO

A construção de uma sociedade civilizada, democrática, que garanta os direitos de cidadania, pressupõe romper com todas as formas de desigualdade, sejam elas étnicas, de gênero, etárias ou identitárias.

A educação encontra-se entre as iniciativas mais poderosas de ruptura das manifestações iníquas e preconceituosas na relação entre as pessoas.

O *Guia Prático para Educadores e Educadoras*, sobre Ensino e educação com Igualdade de Gênero, é um instrumento essencial e lúcido no enfrentamento das expressões de desigualdades.

Maria Armanda do Nascimento Arruda
Vice-reitora da USP

O Guia, de forma corajosa e coerente, reafirma o papel fundamental da escola e da educação na formação de crianças e adolescentes e na transformação de valores socioculturais. Nele, professoras e professores encontram recursos e instrumentos para autorreflexão sobre as situações que ocorrem no ambiente escolar, sugestões de exercícios reflexivos com o corpo discente e aspectos a serem discutidos no projeto político pedagógico da instituição, respaldando práticas de ensino pautadas pela diversidade e inclusão. A partir deste Guia, a escolha dos materiais, os esportes, as interações de cooperação, os incentivos à liderança e às áreas em que as mulheres são sub-representadas, como ciências e matemática, bem como a relação com as famílias, os brinquedos, brincadeiras e leituras oferecidos passam a ser atravessados por uma perspectiva de gênero e de direitos humanos. Tal perspectiva considera as interseccionalidades e as diferentes esferas de violência (estrutural, intrafamiliar e doméstica) na leitura crítica do cotidiano, visando a construção de uma sociedade mais equânime na qual todas as pessoas possam viver uma vida livre de violência.

Ana Lúcia Duarte Lanna
Pró-reitora de Inclusão e Pertencimento da USP

Adriana Alves
Coordenadora do Escritório USP Mulheres

Uma introdução ao conceito de gênero

O QUE É GÊNERO?

Gênero é um conceito que identifica as diferenças de papéis sociais, funções, posturas e comportamentos esperados de todas as pessoas, determinadas pela cultura em que vivemos. As definições normativas de gênero são socialmente construídas e, como tal, específicas de cada formação social que, por sua vez, sofrem também impacto de alterações econômicas, sociais e culturais.

O termo gênero surgiu como forma de desatrelar os conceitos de masculinidade e feminilidade do determinismo biológico gerado pelo termo “sexo” ou pela noção de “diferença sexual”.

O QUE É IGUALDADE E EQUIDADE DE GÊNERO?

Igualdade é a relação entre as pessoas, em virtude da qual são portadoras dos mesmos direitos fundamentais que provêm da humanidade e definem a dignidade individual.

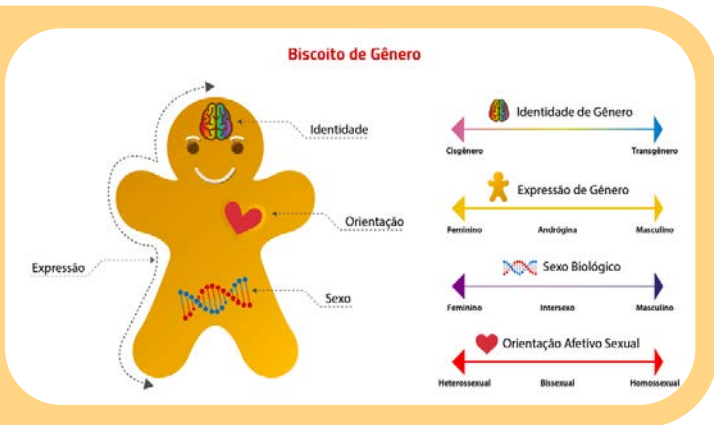
Quando falamos em igualdade, equidade e diversidade de gênero, estamos aplicando essa definição às relações sociais entre as pessoas. Nesse sentido, as igualdades de direitos, de oportunidades e acesso aos recursos, bem como a distribuição equitativa das responsabilidades relativas aos grupos



Prefeitura do Rio de Janeiro
<http://www.multirio.rj.gov.br/media/ceds/index.php>

sociais, às coletividades e às famílias, são indispensáveis ao bem estar social.

Equidade de gênero refere-se à igualdade de oportunidades, ao respeito pelas diferenças e às transformações das relações de poder que se dão na sociedade em termos econômicos, sociais, políticos e culturais, assim como à mudança das relações de dominação na família, na comunidade e na sociedade em geral.



O QUE É PRECONCEITO DE GÊNERO?

É uma atitude social que diminui ou exclui as pessoas, de acordo com o seu gênero. Relacionado ao pensamento e aos hábitos individuais e sociais, envolve atitudes que afetam o comportamento e, frequentemente, nem são percebidas ou podem ser dissimuladas – uma vez que muitos aspectos do preconceito de gênero são sutis e inconscientes, frutos de repetições de conteúdos aprendidos e pouco refletidos.

O preconceito de gênero pode se apresentar como machismo ou sexismo, quando diz respeito a tipos de comportamento e práticas individuais e institucionais que, de modo evidente, são discriminatórias com base no fato de o indivíduo alvo ser mulher.

Esses comportamentos são contra a lei. Por exemplo: segundo a Constituição Brasileira, homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações (Art. 5º, §1, 1988). Qualquer instituição ou pessoa que não cumpra esse artigo, estará cometendo um ato ilegal.

O Preconceito de gênero também pode se apresentar como transfobia, quando se refere a tipos de comportamento e práticas individuais e institucionais que, de modo evidente, são discriminatórias com base no fato de a identidade de gênero autodeclarada pela pessoa não ser coincidente com seu sexo anatômico e fisiológico designado ao nascimento. A transfobia também é crime. Em junho de 2019, por meio de julgamento



Símbolo de igualdade gêneros



<https://youtu.be/XsJTCKzL-Gg>

Para entender como funciona a sociedade cisheteronormativa
Sexualidade: Sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero
Produção do canal Minutos Psíquicos, 2016, 5m2s

da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26/DF, no Tribunal Superior Federal, condutas homofóbicas e transfóbicas passaram a ser enquadradas como racismo até que o Congresso Nacional edite lei específica.

Cisnormatividade é a noção normatizada, em nossa sociedade, de que só existem dois gêneros, masculino e feminino, que devem ser coincidentes ao sexo designado ao nascer como a única possibilidade natural e legítima de vivência. Heteronormatividade é o conjunto de discursos, valores e práticas pelas quais a heterossexualidade é instituída e considerada como única possibilidade natural e legítima de vivência.

Essa estrutura de sociedade visa garantir a manutenção de valores e poderes que hierarquizam e excluem as pessoas de acordo com seu gênero e sua orientação sexual. Nesse sentido, os preconceitos sofridos, por exemplo, por pessoas lésbicas, gays, bissexuais etc. estão em diálogo direto com os preconceitos de gênero, pois também precisam ser combatidos quando almejamos uma sociedade igualitária.

Por fim, em um país que convive com os reflexos da escravidão de povos negros e o extermínio dos povos indígenas, não podemos deixar de levar em consideração que as mulheres não brancas vivenciam de forma mais intensa os preconceitos de gênero.

Mama África (1994)

Chico César explicita a interseccionalidade entre gênero e raça, ambos conceitos gerados por construção social.



https://youtu.be/oBdmw_4ljAw



Mama África

A minha mãe

É mãe solteira

E tem que

Fazer mamadeira

Todo dia

Além de trabalhar

Como empacotadeira

Nas Casas Bahia

Mama África, tem

Tanto o que fazer

Além de cuidar neném

Além de fazer dengüim

Filhinho tem que entender

Mama África vai e vem

Mas não se afasta de você

Mama África

A minha mãe

É mãe solteira

E tem que

Fazer mamadeira

Todo dia

Além de trabalhar

Como empacotadeira

Nas Casas Bahia

Quando Mama sai de casa

Seus filhos de olodunzam

Rola o maior jazz

Mama tem calo nos pés

Mama precisa de paz

Mama não quer brincar mais

Filhinho dá um tempo

É tanto contratempo

No ritmo de vida de mama

Mama África

A minha mãe

É mãe solteira

E tem que

Fazer mamadeira

Todo dia

Além de trabalhar

Como empacotadeira

Nas Casas Bahia

É do Senegal

Ser negão, Senegal

Deve ser legal

Ser negão, Senegal

Deve ser legal

Ser negão, Senegal

Deve ser legal

Ser negão, Senegal

O foco deste Guia é, portanto, o preconceito de gênero, sem perder de vista sua intersecção com as outras formas de preconceitos, pois essa é uma atitude que pode ser mudada na sala de aula.

É possível se perguntar qual a necessidade de tal trabalho, visto que o sistema escolar não estabelece, em princípio, discriminação quanto ao sexo. Há quem acrescente ainda que, por exemplo, meninas e meninos vão continuar a ter preconceitos, gostos e comportamentos diferentes, apesar dos esforços em se tratar ambos do mesmo modo, porque sempre foi assim... e será. Não se deve chegar a essa conclusão, talvez apressada. Como mostraremos neste Guia, são múltiplos os fatores que colaboram na educação de uma criança. É por meio de reflexões e revisões de conceitos em várias dimensões que se consegue, em uma sociedade sexista, LGBTQIA+fóbica, racista, educar crianças para se tornarem pessoas adultas com visão de igualdade, equidade e respeito às diferenças de gênero.

O QUE É ESTEREÓTIPO DE GÊNERO?

O estereótipo de gênero está ligado ao preconceito de gênero. É uma opinião pré-determinada que afeta as relações interpessoais. O estereótipo aparece como uma forma rígida, anônima, reproduz imagens e comportamentos, separa os indivíduos em categorias. Exemplos: meninas são choronas; meninos são briguentos, a transexualidade é uma doença. (Veja Parte III - Evitando os estereótipos).



Nossas Vidas (versão reduzida)

Dilma Loes, 1985, 33m32s



<https://youtu.be/oNPAmHs6efc>

O PRECONCEITO DE GÊNERO NA SALA DE AULA...

Embora tenhamos consciência de que a questão de gênero permeia todos os aspectos da vida social, neste Guia, a escola é a nossa preocupação central.

As sugestões aqui apresentadas terão resultado mais efetivo na medida em que forem assumidas pelo sistema de ensino como um todo e não apenas por unidades isoladas. Cada docente poderá adaptá-las às condições de suas próprias salas de aula.

Um ambiente livre do sexismo, da discriminação de gênero e favorável à diversidade de gênero oferece melhores condições de desenvolvimento físico e psicológico, além de possibilitar maior aproveitamento escolar.

É responsabilidade da escola ajudar crianças e adolescentes a se libertarem de comportamentos estereotipados e rígidos em relação aos papéis sexuais. Para tanto, deve criar programas educacionais que favoreçam a autossuficiência econômica, a satisfação profissional e o desenvolvimento de competências e habilidades. Este Guia pretende colaborar nessa tarefa difícil, mas fundamentalmente necessária – a luta pela construção de uma sociedade diversa, com igualdade, equidade e diversidade de gênero.

Sabemos que a escola reproduz as estruturas de poder, de privilégios e do patriarcado na sociedade. Diminuir o preconceito inerente a esse legado exige um esforço colaborativo e multifacetado entre as pessoas envolvidas com a escola. Não só o corpo docente, mas também família, estudantes, pessoal administrativo, profissionais da educação, além de instituições governamentais, podem investir para criar ambientes educacionais mais equânimes em relação à diversidade de gênero.

Imagem: Divulgação



Alunas debatem igualdade de gênero e questionam machismo em escola de São Paulo (SP)

Uma das questões que devem merecer especial atenção das educadoras e dos educadores é a prática de *bullying* entre crianças e jovens, seja por meio de atitudes nas relações pessoais ou através de recursos indiretos, como as redes sociais. Minorias em relação aos padrões sociais majoritários – indivíduos LGBTQIA+, pessoas não brancas ou portadoras de deficiências, por exemplo – são alvos frequentes de *bullying*. Em geral, quem agride escolhe pessoas “diferentes” para serem suas vítimas. E as consequências dessa violência podem ser importantes sofrimentos psicológicos, levando até ao suicídio.

Uma intervenção rápida e firme de professoras e professores, quando detectam um caso de *bullying* por preconceito de qualquer natureza, demonstra, sem deixar margem a dúvidas, que esse comportamento é inaceitável. É preciso que o assunto seja amplamente discutido na escola, de forma preventiva, por meio de palestras, oficinas ou mesmo nos conteúdos das disciplinas. O corpo docente também deve ser preparado para prevenir, detectar e lidar com essas situações.

... NOS LIVROS E MATERIAIS DIDÁTICOS

É possível analisar exaustivamente o sexismo, o preconceito de gênero e a ausência da diversidade de gênero nos livros e nos materiais didáticos. Aqui apresentaremos apenas alguns exemplos e fontes para ilustrar o problema. Mais de trinta anos atrás, André MICHEL descreveu o sexismo, abordando o tema nos livros infanto-juvenis e manuais escolares:

[...] agindo segundo estereótipos sexistas, o espírito humano funciona de maneira binária, atribuindo às mulheres qualidades e fraquezas que são negadas aos homens, ao mesmo tempo em que estes se veem cumulados de qualidades e defeitos que são negados às mulheres. Inútil acrescentar que, nesta distribuição de estereótipos sexistas entre ambos os sexos, a balança é desigual: os homens recebem muito mais valores positivos (coragem, inteligência, autoafirmação, competência profissional, gosto pelo perigo e pela aventura, espírito de iniciativa e eficiência); já as mulheres são representadas como seres desprovidos destas qualidades, ditas “viris”, surgindo como pessoas dotadas de qualidades consideradas “femininas” e supostamente ausentes nos homens (MICHEL, 1989, p. 19).

Em geral, os conteúdos sobre papéis de gênero, sexualidades e composições familiares apresentados nos materiais didáticos não refletem a realidade em que vivem hoje crianças e adolescentes. Também não oferecem igualdade de oportunidades a todas as pessoas que não são brancas.

É preciso considerar, no entanto, que a divisão de papéis de gênero e a aceitação da diversidade estão em evolução. Em relação às mulheres, por exemplo, ao longo das últimas décadas houve, no Brasil, notável aumento da participação da mulher no mercado de trabalho. Em todos os níveis sociais, as mulheres buscam ocupações remuneradas. Geralmente, trabalham fora de casa e continuam a arcar com a maior parte ou com toda a responsabilidade das tarefas domésticas. Nesse sentido, é necessário estimular os homens a dividir com as mulheres as obrigações domésticas.

Na escola, o primeiro passo para enfrentar o preconceito de gênero é atentar para o fato de que muitos desses materiais ainda apresentam imagens e conteúdos que reforçam padrões de opressão de gênero. Dessa forma, educadoras e educadores precisam estar preparados para oferecer novas visões e propiciar outras opções de atividades didáticas, que contemplem a diversidade, a igualdade e a equidade de gênero.

Observações feitas por dois outros autores, feitas há mais de trinta anos, ainda estão atuais entre nós.

Segundo ALAMBERT, nos livros didáticos e nos manuais escolares,

[...] as discriminações aparecem das formas mais variadas: nas ilustrações, por exemplo, mulheres e meninas são minoria em relação a homens e meninos; os papéis atribuídos ao sexo feminino são mais reduzidos e menos variados; os assuntos escolhidos geralmente favorecem os meninos, as personagens principais são sempre masculinas, sejam elas seres humanos ou animais; os meninos são mais ativos e as meninas mais contemplativas. (1990, p. 26).

NEGRÃO, estudando a imagem da mulher no livro escolar, verificou:

Praticamente, apenas a personagem masculina desempenha atividades como estudar, pensar, refletir, explorar. O trabalho estabelece fronteiras entre os mundos masculino e feminino [...] quanto aos papéis na família, o pai é apresentado nos livros didáticos como



O VALENTE NÃO É VIOLENTO – ONU Mulheres

Proposta de currículo educativo sobre
promoção da igualdade de gênero
<https://url.gratis/Xl9ioj>

sendo o provedor material por excelência, organizador do universo familiar, autoridade, com privilégios. A imagem de mãe aparece predominantemente idealizada como abnegada e mártir, como “um misto de fada, santa e rainha”, arcando sozinha com todas as tarefas domésticas. O lazer infantil também é segregado por sexo. (1990, p. 62-63).

Além disso, referindo-se à conexão entre sexismo e racismo, conceitos resultantes de construções sociais, essa autora constatou que, em alguns livros, é negado o direito à existência:

A imagem do homem branco adulto é tomada como representante da raça humana; personagens femininas aparecem com menor frequência; a menina negra quase nunca aparece, e a mulher negra aparece menos que o homem negro; personagens masculinas são majoritárias. A mulher índia aparece padronizada, sem traços distintos captando suas multiplicidades culturais (1990, p. 60-61).



PRÓ-MUNDO

Materiais pedagógicos alternativos sobre igualdade de gênero e diversidade
<https://promundo.org.br/recursos/>

Em relação a representação de pessoas LGBTQIA+ nos livros didáticos, LIONÇO e DINIZ apontam:

A heteronormatividade se fundamenta no discurso sobre a biologia humana, de modo a naturalizar os corpos e a relação sexual. Não há referências à dimensão social e simbólica da sexualidade, sendo a reprodução sexuada a tônica nas discussões sobre a sexualidade nos livros didáticos de ensino fundamental e médio (2008, p. 313).

Outra característica presente nos livros didáticos que reforça o sexismo, os preconceitos de gênero, sexualidade e cor de pele diz respeito à representação das famílias. O perfil de família comumente apresentado desconsidera organizações familiares hoje bastante frequentes, como as famílias uniparentais, as famílias homoafetivas, as de múltiplas gerações ou graus de parentesco e qualquer outra organização familiar que não reproduza a família nuclear heterossexual composta por filhos, mãe/esposa cuidadora e pai/marido provedor:

Desempenhando o papel de manutenção da ordem social estabelecida e colaborando para erigir a família como uma das âncoras que sustentam o status quo das relações de gênero, foi constatada, no conjunto [de livros didáticos analisados], uma potente mensagem: a permanência de um determinado modelo de família nuclear, branca e de classe média. A maior parte das imagens remete à tríade pai, mãe e filho(s) e à organização heterossexual (VIANNA; RAMIRES, 2008, p. 351).

A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA ESCOLA E DOCENTES

Apesar de a questão de gênero estar contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) desde 1997 e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, desde 1998, nos últimos anos enfrentamos um importante retrocesso nas políticas educacionais relacionadas a essa questão.

Em 2014, foi sancionado o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) e em 2017 foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nas versões finais de ambos os documentos foram suprimidas as palavras gênero e diversidade sexual. Além disso, infelizmente muitas educadoras e muitos educadores insistem em manter uma visão reducionista, sem espaço para a diversidade, geralmente concentrada nas noções cis-heteronormativas, e na díade feminino-masculino, normalmente reforçada pela díade branco-não branco.

Às mulheres, está destinado o papel familiar e o segundo lugar nos processos de decisão, o que imprime no consciente e no inconsciente das meninas importante limite a seus projetos de vida. Mais ainda, quando racializadas, estão predestinadas a posições subalternas na sociedade. As expectativas e as ações de cada professora e de cada professor na construção de uma educação para a consciência de gênero podem gerar impactos na vida de crianças e jovens. É possível que haja resistência por parte de colegas, supervisoras ou supervisores, mães, pais, e até de alunas e alunos. Todavia, é importante que quem leciona tenha segurança de que está lutando pelo desenvolvimento completo dessas pessoas e que seus esforços ajudarão também a formação de adultos que trabalham com crianças e adolescentes.



Cartilha sobre a Igualdade de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina-
Laboratório de Estudos de Gênero e História
<https://url.gratis/yvSXVJ>

É preciso ser realista quanto ao que se pode conseguir. Muitas vezes, pequenas mudanças têm efeito multiplicador, produzindo transformações em áreas imprevistas. Ao privilegiar apenas um dos gêneros e ignorar o potencial e qualidades da diversidade de gênero, põe-se em situação de desvantagem cada um dos grupos referenciados. Tratar a todas as pessoas de forma igual não é apenas uma questão de justiça, mas de sobrevivência cultural, socioeconômica e de cidadania.

As escolas devem incentivar todas as crianças e adolescentes a desenvolver as competências necessárias para participar no mercado de trabalho, na família e na comunidade. Desde o início, é essencial adotar uma postura crítica em relação aos materiais pedagógicos utilizados na escola que, com frequência, reproduzem mensagens e imagens sexistas e preconceituosas.

O objetivo deste Guia, portanto, é proporcionar instrumentos que introduzam uma postura crítica ao cotidiano do trabalho de educadoras e educadores, permitindo-lhes enfrentar e erradicar toda forma de preconceito, dentro e fora da escola.

A seguir, apresentamos algumas questões importantes como sugestões de atividades que podem ser inspiradoras para transformar a sua escola.

Pare e pense: autoavaliação docente

Viver é mudar. Estamos permanentemente em movimento e a sociedade onde vivemos é muito dinâmica. Temos capacidade de mudança de hábitos historicamente apreendidos durante nosso processo de formação. A vida é um contínuo processo de aprendizagem. As educadoras e os educadores têm enorme responsabilidade na formação integral de crianças e adolescentes.



A lista abaixo é um instrumento de autoavaliação que objetiva despertar a consciência sobre assuntos pessoais e de interesse social, relacionados à questão de gênero e diversidade, principalmente na escola. Constitui-se em uma série de perguntas cujo sentido é o de criar um ambiente que contemple a diversidade, a igualdade e a equidade entre distintas formas de ser e estar no mundo.

DOCENTE: leia com atenção cada pergunta e anote a resposta que melhor se aplica ao seu relacionamento com suas turmas. Faça essa autoavaliação com honestidade e individualmente, pois suas respostas não serão revisadas por ninguém. Procure responder com rapidez a cada questão.

AUTO-AVALIAÇÃO

		SIM	ÀS VEZES	NÃO
1.	Encorajo as meninas a não esconder suas capacidades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	Tenho a expectativa de que todas as estudantes e todos os estudantes explorem as várias opções de engajamento profissional?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	Encorajo alunas e alunos, incluindo meninas grávidas e pessoas LGBTQIA+, e todas as pessoas a não abandonar os estudos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	Acho que todas as pessoas, independente do gênero, da orientação sexual ou da etnia podem desenvolver habilidades de liderança?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	Oriento todas e todos, independente do gênero, da orientação sexual ou da etnia a desenvolver habilidades tanto para escutar como para falar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.	Incentivo todas e todos, independente do gênero, da orientação sexual ou da etnia, à prática esportiva, mas respeito quem não goste de esporte?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.	Preocupo-me em observar se estudantes têm uma imagem negativa do próprio corpo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.	Compreendo que os variados preconceitos são problema da sociedade e não do indivíduo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.	Tento conscientizar todas as pessoas sobre como acontecem o machismo e os preconceitos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.	Aceito críticas construtivas a respeito do meu comportamento em relação ao sexismo, à diversidade de gênero e sexual e ao racismo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.	Quando fazem piadas sexistas, racistas ou LGBTQIA+fóbicas explico por que não são corretas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.	Incentivo igualmente qualquer estudante a desenvolver socialidade e aprender a respeitar todas as pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.	Encorajo estudantes a desenvolver habilidades para falar em público e agir como líderes na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.	Em sala de aula, peço para qualquer estudante, sem distinção, realizar tarefas tais como abrir janelas, decorar as paredes ou operar um equipamento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.	Intervenho quando meninas, pessoas LGBTQIA+ e pessoas não brancas são relegadas a funções inferiores e estereotipadas em trabalhos de grupo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.	Reforço os sistemas de valores e de justiça?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.	Procuro reverter os estereótipos de gênero, de orientação sexual e de etnia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.	Chamo atenção para o fato de que meninas e meninos não formam grupos monolíticos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.	Incentivo qualquer estudante, sem distinção, a obter bolsas de estudos e prêmios?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.	Desencorajo toda e qualquer violência praticada contra colegas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.	Questiono comportamentos de perseguição sexual?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.	Procuro não fazer piadas ou comentários sexistas, LGBTQIA+-fóbicos, étnicos e racistas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.	A decoração da minha sala de aula reflete as contribuições de todo o coletivo de estudantes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.	Convido mulheres, homens, pessoas LGBTQIA+ e de diferentes etnias a dar palestras na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

AUTO-AVALIAÇÃO

		SIM	ÀS VEZES	NÃO
25	O trabalho entre estudantes em sala de aula é cooperativo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	Quando planejo as aulas penso em exemplos da vida real?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Faço as mesmas perguntas a qualquer estudante, sem distinção?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Uso o mesmo tom de voz com qualquer estudante, sem distinção?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	Desencorajo a competição entre grupos de meninas e grupos de meninos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	Destaco os sucessos de mulheres e meninas, homens e meninos, pessoas LGBTQIA+, pessoas brancas, não brancas e pessoas de todas as etnias?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31	Na sala de aula falo sobre poder, gênero, sexualidade e etnia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32	Reflito sobre o fato de que mais da metade da população do mundo é feminina e mais da metade da população brasileira é não branca?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33	Uso leituras com textos escritos por mulheres, pessoas LGBTQIA+ e diversas etnias?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34	Uso linguagem não sexista, não racista e não LGBTQIA+ fóbica e incentivo as pessoas a fazer o mesmo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35	Enquanto ensino, circulo, observando a aprendizagem de qualquer estudante da mesma forma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36	Propicio oportunidades de práticas esportivas em igualdade de condições?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37	Incentivo igualmente o envolvimento de qualquer estudante em ciências e matemática?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38	Tento elevar a consciência de colegas docentes sobre sexismo, racismo e LGBTQIA+fobia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39	Nas reuniões escolares, converso com as famílias recomendando formas de aumentar e contribuir com a igualdade, a equidade e a diversidade de gênero na escola e em casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40	Convido as famílias a participar da escola como voluntárias, palestrantes, pesquisadoras?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41	Ajudo estudantes a recuperar as histórias de suas famílias e de todas as pessoas que dela participaram ou participam?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

* Baseada em WHEELER, Kathryn A., How Schools Can Stop Shortchanging Girls (and Boys): Gender-Equity Strategies, Wellesley, Center for Research on Women, 1993, p. 17-28.

COMENTÁRIOS

Realizada esta autoavaliação, sem a necessidade de contar pontos, verifique a possibilidade de mudar algumas posturas. Volte frequentemente a esta lista de perguntas e constate o quanto está colaborando nas atividades de ensino com igualdade e equidade de gênero e olhar para a diversidade de gênero. A perfeição é difícil de ser conseguida, mas, com boa vontade, você poderá ajudar a construir uma sociedade mais justa, ética, onde todas as pessoas, independente do gênero, da orientação sexual e etnia caminhem de mãos dadas com igualdade e equidade de direitos. É este um dos grandes passos para a conquista da cidadania.

Estratégias para promover

a Diversidade, a Igualdade e a Equidade de Gênero

INTRODUÇÃO

As estratégias aqui sugeridas podem positivamente estimular transformações em termos individuais e sociais que beneficiem a introdução da questão de gênero, com todas as suas intersecções, na sala de aula. Podem servir também para proporcionar e elevar a consciência sobre o sexismo, os preconceitos de gênero e sexualidade, assim como o racismo, encorajando comportamentos sem estereótipos. Antes de prosseguir no desenvolvimento de tópicos específicos sobre as estratégias de promoção da diversidade e da igualdade e equidade de gênero, sugerimos alguns exercícios de aquecimento.

EXERCÍCIOS SOBRE EXPECTATIVAS E CONSCIÊNCIA DE PRECONCEITOS

1. Peça que as estudantes e os estudantes descrevam ou façam desenhos de uma pessoa perfeita. Diga como as imagens são moldadas pela sociedade, incluindo meios de comunicação (rádio, TV, jornais, internet, WhatsApp, Instagram, Facebook etc.).
2. Peça que desenhem a figura de uma pessoa com a profissão de cientista ou astronauta em seu ambiente de trabalho. Peça para dizerem qual o gênero da pessoa desenhada. Trabalha só ou em grupo?
3. Peça que escrevam a história de trabalho de suas famílias, anotando o trabalho de todas as mulheres e de todos os homens em cada geração. Converse sobre os limites do preconceito de gênero e dos estereótipos no trabalho, incluindo atenção às diferenças das narrativas de pessoas oriundas de famílias não brancas e de organizações familiares diversas.



EXERCÍCIOS PARA CONSCIENTIZAR SOBRE O PRECONCEITO DE GÊNERO

1. Procure saber se acham que as pessoas recebem tratamentos diferentes na

- escola e na sociedade, dependendo do gênero a que pertencem.
- Peça que falem sobre as diferenças que provavelmente teriam em suas vidas se fossem de outro gênero.
 - Avalie como os livros, as revistas, os jornais, os sites, as redes sociais, os programas de televisão, as canções, os brinquedos etc. tratam a questão de gênero.

EXERCÍCIOS PARA PROMOVER ATITUDES SEM PRECONCEITOS E LIVRE DE ESTEREÓTIPOS

- Reverta as expectativas de papéis sexuais: por exemplo, peça que uma participante carregue uma caixa de livros e um participante sirva um lanche.
- Varie suas atividades: costurar, brincar com carrinhos, cozinhar, jogar bola etc.
- Independente da diversidade de gênero, estimule as crianças e adolescentes tanto para a ciência e a matemática, como para a arte, a música, a dança e o teatro.



<https://youtu.be/fdUMofTuUnU>

FALA DIREITO COMIGO O que é isso, gênero?

Clínica de Direitos Humanos da UFPR, 2016, 3m17s

ESPORTES E EDUCAÇÃO FÍSICA: COOPERAÇÃO E NÃO COMPETIÇÃO

Introdução*

As pessoas têm diferentes bagagens biológicas. Não obstante o uso do corpo, suas possibilidades e limitações têm sido e são objeto de condicionamentos de gênero que chegam a confundir o cultural com o natural. Nos últimos anos, alguns dos mitos sobre a educação física vêm desaparecendo. Hoje, a diversidade de gênero chegou a todas as categorias dos esportes.

Isso se deve às trocas sociais produzidas pelo avanço das mulheres, das conquistas dos direitos, para todas as pessoas, permitindo-lhes novos caminhos no acesso ao mundo do trabalho, da cultura, da política etc.

*Agradecemos ao prof. Pascoal L. Tambucci, do Centro de Práticas Esportivas da USP (CepeUSP), por seus comentários e sua cooperação.



Kristin Rhodes, venceu o Campeonato Mundial de United Strongest Women (2012)



Tom Daley, medalhista de salto sincronizado relaxa nas arquibancadas das olimpíadas de Tóquio (2021)

Objetivos

- Incentivar a cooperação no sentido de desenvolver potencialidades.
- Despertar o interesse pelo esporte como atividade criativa e saudável.
- Estimular o esporte, destacando sua importância para a saúde do corpo e da mente.

Sugestões

Propomos algumas atividades de esportes e educação física que evidenciam as várias possibilidades de realização conjuntas.

- Organize atividades esportivas utilizando princípios e estruturas dos jogos cooperativos para desenvolver o espírito de colaboração.
- A partir da observação de imagens – alguém dançando ou jogando bola – converse sobre o que sentem a respeito dos esportes.
- Faça uso de imagens e ilustrações para conversar sobre o papel das diversas pessoas nos esportes, antigamente e na atualidade, mostrando aqueles em que elas participam (corridas de automóvel, maratona, futebol, atletismo, skate etc.).
- Organize jogos com turmas diversificadas em várias modalidades, com o objetivo de promover a integração, a participação e a cooperação.

Jogos cooperativos

Defendendo o princípio de que, se o importante é competir, o fundamental é cooperar, BROTTTO (1995) criou o seguinte esquema, aqui adaptado:

Alternativas para jogos

JOGOS COMPETITIVOS (TRADICIONAIS)	JOGOS COOPERATIVOS (ALTERNATIVOS)
• São divertidos apenas para algumas pessoas.	• São divertidos para todas as pessoas.
• A maioria tem o sentimento de derrota.	• Todas as pessoas têm um sentimento de vitória.

JOGOS COMPETITIVOS (TRADICIONAIS)	JOGOS COOPERATIVOS (ALTERNATIVOS)
• Pessoas são excluídas por falta de habilidade.	• Há mistura de grupos que brincam juntos, criando alto nível de aceitação.
• Aprende-se a desconfiar das demais pessoas.	• Todas as pessoas participam, ninguém fica de fora.
• Quem perde fica de fora do jogo, simplesmente observando.	• Aprende-se a ter senso de coletividade e a compartilhar o sucesso.
• Os times não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de ruim acontece às outras pessoas.	• Desenvolve autoconfiança, porque todas as pessoas são bem aceitas.
• A baixa tolerância à derrota pode gerar um ímpeto de desistência face às dificuldades.	• A habilidade de perseverar face às dificuldades é fortalecida.
• São poucas as pessoas que se tornam bem-sucedidas.	• É um caminho de coevolução.

Para que estas transformações se realizem na prática, tomemos como exemplo alguns jogos e atividades cooperativas sugeridos por BROTTTO (1995).

1. Futpar

Jogo divertido e movimentado. Durante todo o tempo, há envolvimento e busca de ajuste de estilo e habilidade entre as pessoas. Trata-se de um jogo de futebol. Cada equipe é formada por duplas (ou trios) que permanecem de mãos dadas. Jogam sem ninguém no gol e ampliam ao máximo as dimensões da quadra. Ao mesmo tempo, dependendo do número de participantes, usa-se mais de uma bola. A cada gol novas parcerias são estimuladas, propiciando constante desafio de boa convivência. Propõe-se a inversão de quem goleia: desta forma, a dupla que fez gol marca ponto para sua equipe, mas em seguida muda de lado. Ao final do jogo, todas as pessoas jogaram com todas, ora na equipe A, ora na equipe B. Todo mundo vence, pois todo mundo joga nos dois times.

2. Basquete amigão

Formam-se as equipes, criando oportunidades tanto de estímulo a novos agrupamentos como de inibição das “panelinhas”. Primeiramente, acontece o jogo convencional e depois sugere-se alternativas como:

- Jogar: quem quiser jogar deve ter o mesmo tempo de jogo;
- Tocar e passar: a bola deve ser passada por entre todas as pessoas, antes de ser arremessada para a cesta;
- Fazer cesta: para que o time vença, é preciso que todas as pessoas tenham feito pelo menos uma cesta durante o jogo. Dependendo do grupo, em vez da cesta, considera-se como ponto o arremesso que tocar o aro ou apenas a tabela;
- Posições: todas as pessoas passam pelas diferentes posições no jogo (armadora, pivô etc.);
- Passe misto: a bola deve ser passada alternadamente entre todas as pessoas;
- Resultado misto: as cestas são convertidas alternadamente pelas pessoas participantes.

3. Cadeira livre

Forma-se um círculo com cadeiras, deixando uma a mais que o número de participantes. O jogo começa com todo mundo sentado, deixando a cadeira livre no meio. Disputa-se essa cadeira livre. Quem sentar primeiro fala alto: “Eu sentei”. As outras pessoas voltam para o lugar original deixando livre o lugar de quem conseguiu sentar na

cadeira livre. As duas pessoas mais próximas dela passam, uma de cada vez, aos assentos desocupados, como se fossem puxados por ela. Enquanto sentam, a primeira pessoa deve falar em voz alta: “No jardim...” e a segunda: “Com minha amiga ou meu amigo (mencionar o nome da pessoa)”. A pessoa chamada sai de seu lugar e senta ao lado de quem a chamou, deixando vazia a cadeira que ocupava. Essa é a nova cadeira livre. A partir daí, repete-se todo o processo para ocupar a cadeira livre.

Comentários

O esporte cooperativo é importante na formação da cidadania, do caráter, da personalidade e da saúde, contribuindo também para a diversidade e equidade de gênero.

ATIVIDADES LÚDICAS: BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS

Introdução

Na educação das crianças, trabalha-se pouco com atividades lúdicas, como as brincadeiras e os brinquedos. Existe aqui um potencial que deve ser explorado como tarefa consciente e pedagógica, respeitando-se o estágio de desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Desde que um bebê nasce, ganha brinquedos e não se pensa seriamente sobre o assunto. Quando vamos comprar um brinquedo, a pergunta é sempre a mesma: É menino ou menina? E, nesse momento, não nos damos conta da engrenagem social: Quem brinca com bonecas e panelinhas? Quem brinca com bolas e carrinhos? Será que os meninos precisam se preparar apenas para serem pais e provedores e não companheiros; e as meninas para serem mães e cuidadoras e não companheiras?

Objetivos

- Estimular brincadeiras e brinquedos não sexistas, ampliando o leque de interesses de alunas e alunos, desenvolvendo suas potencialidades.
- Despertar o gosto pela leitura como atividade prazerosa e gratificante.

Aqui tem mais!

Sugestões de atividades esportivas e jogos que valorizam a igualdade de gênero.



Educação e Esporte para a Igualdade: Guia de Atividades do Projeto Praticando Esporte, Vencendo na Vida!

ONG Promundo

<https://url.gratis/nPzV8P>

Fonte: Promundo, em parceria com ChildHope e financiamento do Comic Relief e Kinder Not Hilfe (KNH)

<https://url.gratis/vkr8Pm>

Sugestões

Relacionamos algumas sugestões de atividades lúdicas que permitem alcançar, de forma sadia e sem preconceitos sexistas e racistas, excelentes resultados.

Sobre os brinquedos preferidos

Sugira que indiquem, por ordem de preferência, os brinquedos de que mais gostam e as razões da escolha. Discuta diferenças e semelhanças entre as escolhas feitas não relacionadas ao gênero de quem escolheu com as escolhas iguais feitas por pessoas do mesmo gênero. Algumas questões podem aparecer durante a discussão:

- Quais brinquedos são preferidos entre as pessoas que participam?
- Quem gosta de brinquedos eletrônicos?
- Quem gosta de brinquedos não violentos?
- É mais importante escolher os brinquedos que interessam às crianças ou escolher outros brinquedos?



Sobre a troca de brinquedos

- Proponha que tragam de casa seus brinquedos habituais. Sugira a formação de dois grupos mistos: um fica com os brinquedos normalmente considerados das meninas; o outro, com os brinquedos considerados dos meninos.
- Depois da brincadeira, é importante organizar uma discussão para que cada participante tenha a oportunidade de relatar sua experiência e prazer em brincar com brinquedos diferentes dos habituais.

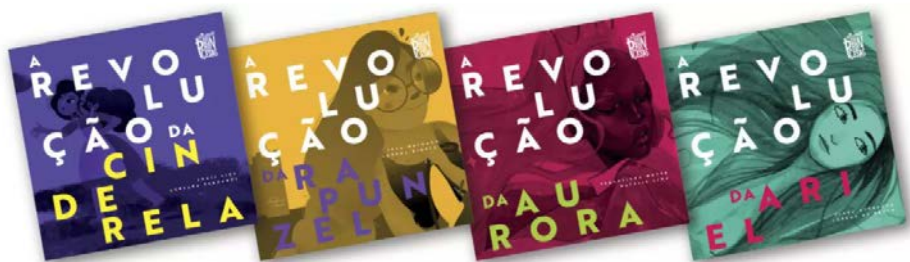
A leitura como atividade lúdica

- Crianças e adolescentes gostam de ler quando motivados.
- O hábito da leitura desenvolve a criatividade.

Compete à professora e ao professor estimular a leitura de livros com histórias inclusivas, que rompam com estereótipos de gênero e apresentem personagens de diversos contextos e vivências. A partir da leitura, é interessante propor a montagem, pelas crianças e adolescentes, tanto de relatórios criativos na forma de modelos com massinha, desenhos, cantos, poemas, dramatizações como de relatórios de suas próprias histórias.

Comentários

Brinquedos, brincadeiras e jogos são práticas muito sérias, pois funcionam como ensaios gerais da vida adulta. Essas atividades possibilitam que crianças e adolescentes incorporem, com prazer, atitudes positivas quanto às relações e à diversidade de gênero.



A Revolução das Princesas, 2018
Série reconta histórias infantis, empoderando suas personagens. A renda obtida com a venda dos livros é totalmente revertida para o projeto Escola de Liderança Para Meninas, que acontece no Maranhão, no Piauí e em São Paulo.
<https://plan.org.br/noticias/a-revolucao-das-princesas/>

A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA

Introdução

A sociedade cria e propaga modelos de pessoas idealizadas que, geralmente, não correspondem à realidade vivida por crianças e adolescentes. É comum uma pessoa ser valorizada pela aparência, e não pelo que faz ou por aquilo com que contribui para a coletividade.

Desde a infância, os indivíduos constroem sua imagem corporal e autoestima a partir das relações com as pessoas que os cercam. Cada pessoa tem seu corpo, seu jeito de ser e de se portar socialmente: mulheres, homens, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, pessoas cisgeneras, trans, brancas, não brancas etc. são iguais em muitos aspectos e diferentes em outros.



Objetivos

Ressaltar a construção da imagem corporal e a autoestima, debatendo sobre o direito de toda e qualquer pessoa à realização pessoal e social.

Sugestões

Para sensibilizar crianças e adolescentes sobre autoimagem:

- Peça que desenhem o próprio corpo. Converse sobre o que fizeram, procurando destacar as diferenças e as semelhanças.
- Oriente a turma a fazer impressões das plantas dos pés e das palmas das mãos, para refletir sobre limites: maior, menor, mais largo, mais curto, mais longo etc.
- Sugira que tracem o contorno do próprio corpo, recortando-o e vestindo-o como desejarem. Discuta os aspectos pessoais e sociais das pessoas.
- Peça que trabalhem em grupo a sensibilidade ou a leitura do olhar. Pelas dificuldades e reações, discuta a autoestima, a sexualidade etc.
- Procure desenvolver a sensibilidade, o autoconhecimento e a autoestima, cada qual reconhecendo o próprio espaço, as dificuldades e as facilidades para alcançar os objetivos.

Comentários

Como crianças e adolescentes precisam de constante reforço para suas ações e reações, a responsabilidade da educadora ou do educador é enorme nesse sentido. Ao perceber que suas alunas ou seus alunos não conseguem enfrentar obstáculos encontrados no percurso da vida, é necessário que a educadora ou o educador busque auxílio junto ao setor especializado da escola ou da comunidade.

Desconstruindo Amélia (2009)

Pity

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serve, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque



<https://youtu.be/ygcrcRgVxMI>



Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar

Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serve, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

O ENSINO DE SEXUALIDADE E SAÚDE

Introdução

Para promover o bem-estar e a saúde sexual das estudantes e dos estudantes, é necessário analisar a questão da sexualidade em seu contexto histórico, social, econômico e cultural, avaliando a inter-relação entre a questão sexual e a social. Segundo ALAMBERT (1990, p. 28),

[...] a educação sexual deve ser considerada como importante instrumento de trabalho para a educação formal. [...] Mas a escola tem que vencer os preconceitos sobre a questão, a partir do entendimento de que o discurso sexual não toca apenas a esfera privada do indivíduo, mas investe na cultura e na vida sexual da sociedade. [...] Educação sexual não significa apenas informação e educação higiênico-sanitária. [...] A educação sexual que prevemos é aquela que leva o indivíduo à aquisição de uma consciência sexual favorecida pelo conhecimento da pessoa humana, pelo respeito às leis que a regem, pela rejeição aos preconceitos e aos erros cotidianos cometidos nesse terreno. Portanto, a educação sexual não é uma disciplina isolada; ela faz parte da educação geral do indivíduo.

A educação sexual, portanto, definida como processo de intervenção sistemática, propõe que a educadora ou o educador propicie informações sobre a sexualidade, organizando espaços de discussão a respeito de posturas, tabus, crenças e valores quanto ao desenvolvimento sexual. É conveniente colocar a discussão sobre sexualidade e saúde em um contexto mais amplo de relacionamento entre seres humanos, encarando a sexualidade como um aspecto natural e positivo, valorizando a saúde do corpo físico e da mente.

É importante estabelecer a ligação entre a sexualidade, o desenvolvimento pessoal, interpessoal e a autoestima. Esse processo implica abordar todos os assuntos relacionados à esfera da sexualidade, incluindo discussões de respeito à diversidade sexual e de gênero, gravidez não planejada na adolescência e as vulnerabilidades específicas em relação à saúde sexual e reprodutiva, como, por exemplo, as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).



Fonte: Ministério da Saúde
<https://url.gratis/poInSW>

Objetivos

- Desenvolver a autoestima de crianças e adolescentes, para que conheçam o próprio corpo, gostem e cuidem dele.
- Promover o debate sobre a diferença entre reprodução e sexualidade.
- Estimular o reconhecimento e o respeito às diferentes possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.
- Gerar reflexão e incidir sobre os estereótipos a respeito da sexualidade.



Fonte: Secretaria de Saúde, Governo do Distrito Federal (GDF)
<https://url.gratis/mVKRTZ>

- Orientar sobre as possibilidades de gravidez não planejada na adolescência e suas consequências.
- Esclarecer e orientar sobre formas de prevenção frente a abusos e violências sexuais.
- Dialogar sobre formas de prevenção frente a ISTs.

Sugestões

- Crie um clima de confiança entre estudantes e docentes
- Propicie momentos de fala sobre as dificuldades relativas à sexualidade, apoiando o grupo a ganhar confiança e a se preparar para o reconhecimento de violências, prevenção de ISTs e gestação não planejada.
- Enfoque e estimule abordagens sobre polêmicas do dia-a-dia que envolvam sexualidade, saúde sexual e reprodutiva.
- Use as várias possibilidades de expressão da criatividade – dramatização, marionetes, pintura, modelagem etc. – para trabalhar as dificuldades, os limites e as vulnerabilidades de cada pessoa.

Comentários

É papel da escola desenvolver, tanto em crianças como em adolescentes, a noção de que a saúde, o bem estar e a qualidade de vida são o caminho para a promoção individual e social.

Quando necessário mais informações e apoio, procure, entre as famílias e na comunidade, pessoas e profissionais capazes de auxiliar – por exemplo, profissionais do Programa de Saúde da Criança e do Adolescente. No caso de suspeita ou constatação de abusos, de violência sexual ou de outras formas de violência, a escola deve recorrer ao Conselho Tutelar. Sugere-se ainda procurar e denunciar o problema a outras instituições responsáveis pela aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ou outras autoridades responsáveis existentes na localidade.

EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: A PROFISSÃO NO FUTURO

Introdução

Os últimos 20 anos testemunharam muitos progressos para o mundo do trabalho e em termos de igualdade e diversidade de gênero na sociedade. Hoje, existe maior consciência de que a igualdade e a diversidade de gênero são de suma importância nos esforços para reduzir a pobreza e impulsionar o desenvolvimento econômico.

Para romper com as desigualdades entre os gêneros no mundo do trabalho, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, crianças e adolescentes precisam ter acesso a informações sobre os tipos e formas de trabalho existentes no mercado. A desi-

Entre os 156 países em que foram analisadas as desigualdades de gênero nas áreas de participação econômica e oportunidades, nível educacional, saúde e sobrevivência, e empoderamento político, o Brasil está na 93ª posição. Comparando com países da América Latina e Caribe, o país está em penúltimo, na frente apenas da Guatemala.

Fonte: Relatório do Fórum Econômico Mundial Global Gender Gap Report (2021)

igual distribuição das pessoas no mercado de trabalho pode conduzir à consagração de profissões ditas “femininas” e profissões ditas “específicas” para cada gênero, indicando que, infelizmente ainda hoje, a participação no mercado de trabalho nem sempre é feita de acordo com os interesses e aptidões da pessoa, mas com base em seu gênero.

Análise do perfil de 149 pessoas em função executiva de empresas nacionais de grande e médio porte mostrou que apenas 8% são mulheres.

Fonte: Levantamento Trajetória dos CEOs no Brasil (2021), parceria da Page Executive com a Fundação Dom Cabral



<https://youtu.be/E6jjQP4KXGg>

DESIGUALDADE FINANCEIRA ENTRE HOMEM E MULHER

Escola do Futuro, 2018, 4m42s

Experimento social com estudantes convidados a uma atividade que provoca reflexão sobre a diferença salarial entre mulheres e homens.

Objetivos

- Levar as estudantes e os estudantes a constatar que existe um vasto leque de profissões.
- Ajudar a refletir sobre opções profissionais do ponto de vista da realização pessoal e não em termos do que é ou não adequado para cada gênero.
- Mostrar que todas as profissões podem caber a todas as pessoas.
- Despertar a consciência de que toda função igual deve receber remuneração igual, independente do gênero.

Sugestões 3

Sobre as profissões que conhecemos

Converse sobre as profissões que a turma entende como possíveis para cada gênero, abordando os seguintes pontos:

- Quais são as aptidões e os interesses exigidos para diferentes profissões? Por quê?
- As oportunidades de emprego devem ser iguais para todas as pessoas, independente do gênero?
- Que atividades em comum



Foto: Divulgação

Primeira comandante de aeronave do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, Rachel Lopes, de 37 anos. (2019)

costumam ter as meninas e os meninos?
Será interessante realizá-las em grupo?

- Quais serão as consequências do fato de que é cada vez mais frequente encontrar diferentes gêneros trabalhando nas mesmas profissões?

Sobre a profissão desejada

Sugira uma redação com o tema “Qual é a profissão que eu desejo e o que eu gostaria de ser, se fosse de outro gênero?” Feitas as redações, discuta:

- Quantas profissões foram escolhidas e quais suas características?
- Que profissões escolheriam se fossem de outro gênero?
- Que status têm as profissões escolhidas? E quando se colocam em situação de outro gênero?
- Conseguem imaginar-se de outro gênero? Se não, qual o motivo?

Caso ache conveniente ampliar a reflexão sobre sexismo, apresente novas questões:

- Até que ponto é justificável haver profissões ditas femininas e profissões ditas masculinas?
- As profissões ditas masculinas e femininas devem ter a mesma remuneração?
- Sempre existirá diferença de papéis profissionais em função do gênero?

Com imagens de pessoas realizando trabalhos reservados tradicionalmente ao gênero oposto, possibilite discussões sobre a participação mais equilibrada no mercado de trabalho. Encoraje a reflexão sobre as pessoas como seres livres na escolha de profissões



Foto: Divulgação

Nascido na favela da Kelson's, Complexo da Maré, Rio de Janeiro, Wallace Costa, 30 anos, é conhecido como “O Rei das Unhas”

e atividades que anteriormente encontravam-se limitadas a determinado gênero. Lembre que, em alguns países, como o Brasil, as mulheres chegaram ao mais alto posto do poder público, a presidência da República.

Para alcançar a diversidade, a igualdade e a equidade de gênero no campo das ciências exatas, é fundamental promover o amplo acesso às áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (chamadas STEM, do inglês *science, technology, engineering and mathematics*), um nicho profissional ainda predominantemente ocupado por homens. Desde os primeiros anos escolares, os conteúdos relacionados a essas disciplinas precisam ser apresentados e intro-



Relatório Sobre Participação de Mulheres em Stem na América Latina

<https://www.britishcouncil.org.br/mulheres-na-ciencia/relatorio-unesco-america-latina>

duzidos nos currículos como parte do arcabouço básico de conhecimentos necessário a qualquer pessoa. Para isso, a escola precisa estar atenta a programas e metodologias que contemplem oportunidades, expectativas, formação e acompanhamento educacional iguais, em relação ao desempenho de todas e todos os estudantes, sem diferenciação por conta de qualquer identidade de gênero.

As propostas STEM para a educação vão trazer resultados altamente positivos para uma transformação no mercado de trabalho, uma vez que, já nos bancos escolares, procuram relacionar as atividades escolares com as práticas profissionais. Assim, quanto mais meninas, pessoas LGBTQI+, não brancas forem impactadas pela aprendizagem de ciências, tecnologia, matemática e engenharia no ensino básico, maiores as chances de termos representantes dessa diversidade atuando em posições estratégicas e relevantes nas empresas e institutos de pesquisa desses setores.

Comentários

Ressaltar a necessidade de que tarefas domésticas devem ser equitativamente distribuídas entre as pessoas moradoras da casa, mostrando que o sobretabalho – cumprir as tarefas domésticas, além de exercer uma profissão – deve ser igualmente compartilhado com os homens.

Para obter subsídios às discussões sugeridas, procure estabelecer ligação com programas de educação para o trabalho mantidos tanto por organismos públicos (ministérios, secretarias de estado, universidades etc.) quanto por entidades não governamentais. Utilize a internet ou organize visitas a centros e laboratórios de ensino e pesquisa, a museus, bibliotecas, centros culturais, unidades fabris e de serviços, para enriquecer o repertório das jovens e dos jovens para as escolhas possíveis.

Promova palestras com profissionais sobre as respectivas profissões, destacando o atual período técnico-científico e informacional. Procure integrar a escola à universidade por meio do Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – o qual fornece bolsas de estudo a partir do ensino fundamental.

PROTEÇÃO ESPECIAL A CRIANÇAS, ADOLESCENTES E FAMÍLIA

Introdução

É essencial que a escola favoreça a reflexão sobre a violência, sobretudo porque a instituição tem a possibilidade de atuar no interior da família e na comunidade, estabelecendo uma rede de solidariedade que permita a crianças e adolescentes crescer e viver sem constrangimentos físicos e morais. Como prevenção, é fundamental a escola conhe-



cer a vida das alunas e dos alunos, seus problemas, buscando entender em que situação a violência se instala e se reproduz (ASSIS, 1994).

A realidade econômica e social desigual e injusta em que vivem numerosas famílias é a primeira experiência de violência estrutural vivenciada por crianças e adolescentes, interferindo na formação escolar e no desenvolvimento pessoal.

Mãe (2016)

Emicida

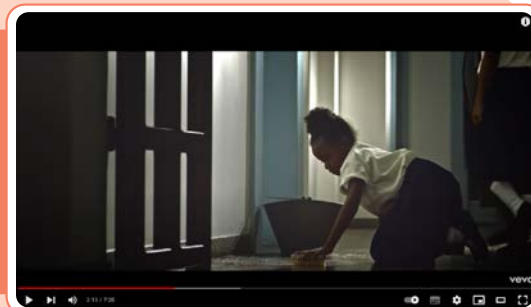
Um sorriso no rosto, um aperto no peito
 Imposto, imperfeito, tipo encosto, estreito
 Banzo, vi tanto por aí
 Pranto, de canto chorando, fazendo os outro rir
 Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão
 Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção
 Uma vida de mal me quer, não vi fê
 Profundo ver o peso do mundo nas costa de uma mulher
 Alexandre no presídio, eu pensando em suicídio
 Aos oito anos, moça
 De onde cê tirava força?
 Orgulhosão de andar com os ladrão, trouxa!
 Recitando Malcolm X sem coragem de lavar uma louça
 Papo de quadrada, 12, madrugada e pose
 As ligação que não fiz, tão chamando até hoje
 Dos rec no Djose ao hemisfério norte
 O sonho é um tempo onde as mina não tenha que ser tão forte

Nossas mãos ainda encaixam certo
 Peço um anjo que me acompanhe
 Em tudo eu via a voz de minha mãe
 Em tudo eu via nós
 A sós nesse mundo incerto
 Peço um anjo que me acompanhe
 Em tudo eu via a voz de minha mãe
 Em tudo eu via nós

Outra festa, meu bem, tipo Orkut
 Mais de mil amigo e não lembro de ninguém
 Grunge, Alice in Chains
 Onde ou você vive Lady Gaga ou morre Pepê e Neném
 Luta diária, fio da navalha. Marcas? Várias
 Senzalas, cesáreas, cicatrizes
 Estrias, varizes, crises
 Tipo Lulu, nem sempre é so easy
 Pra nós punk é quem amamenta, enquanto enfrenta a guerra



https://youtu.be/D_-j32_Ryco



Os tanque, as roupas suja, a vida sem amaciante
 Bomba a todo instante, num quadro ao léu
 Que é só enquadro e banco dos réu, sem flagrante
 Até meu jeito é o dela
 Amor cego, escutando com o coração a luz do peito dela
 Descreve o efeito dela: breve, intenso, imenso
 Ao ponto de agradecer até os defeito dela
 Esses dias achei na minha caligrafia tua letra
 E as lágrima molha a caneta
 Desafia, vai dar mó treta
 Quando disser que vi Deus
 Ele era uma mulher preta

Nossas mãos ainda encaixam certo
 Peço um anjo que me acompanhe
 Em tudo eu via a voz de minha mãe
 Em tudo eu via nós
 A sós nesse mundo incerto
 Peço um anjo que me acompanhe
 Em tudo eu via a voz de minha mãe
 Em tudo eu via nós

Nossas mãos ainda encaixam certo (certo)
 Peço um anjo que me acompanhe (onde for)
 Em tudo eu via a voz de minha mãe (tudo!)
 Em tudo eu via nós (em tudo eu via nós)
 A sós nesse mundo incerto (incerto)
 Peço um anjo que me acompanhe (onde for)
 Em tudo eu via a voz de minha mãe
 Em tudo eu via nós

O terceiro filho nasceu: é homem
 Não, ainda é menino
 Miguel bebeu por três dias de alegria
 Eu disse que ele viria, nasceu!
 E eu nem sabia como seria
 Alguém prevenia: filho é pro mundo
 Não, o meu é meu
 Sentia a necessidade de ter algo na vida
 Buscava o amor das coisas desejadas
 Então pensei que amaria muito mais

Alguém que saiu de dentro de mim e mais nada
 Me sentia como a terra: sagrada
 E que barulho, que lambança
 Saltou do meu ventre, contente, e parecia dizer: É sábado, gente!
 A freira que o amparou tentava reter
 Seus dois pezinhos sem conseguir
 E ela dizia: Mas que menino danado!
 Como vai chamar ele, mãe?
 Leandro

Além dessa questão estrutural, há violências que ocorrem no âmbito intrafamiliar e, independente da classe social, algumas vezes são consideradas normais no processo de educação, envolvendo uma lógica de repressão e castigo. Apresentam-se sob várias formas: abuso psicológico, abuso físico, negligência, abandono e até mesmo abuso sexual. Tais atitudes – com frequência perpetradas por responsáveis, familiares e pessoas adultas do convívio de crianças e adolescentes – causam desestímulo e isolamento, imprimem uma autoimagem negativa, induzem ao fraco desempenho escolar ou a comportamentos disruptivos.

Objetivos

- Quem leciona deve capacitar-se sobre a questão da violência e compreender as relações das crianças e adolescentes com seus familiares e pessoas adultas próximas.
- Considerar as deficiências do sistema escolar – falta de infraestrutura e de qualidade digna de ensino – como formas de violência vividas, sem esquecer que quem educa é agente e vítima de toda essa engrenagem.
- Incentivar a corresponsabilidade da escola e do corpo docente como essencial no processo de luta por uma sociedade não violenta.

Sugestões

- Desenvolva e reconheça o espaço das estudantes e dos estudantes na sala de aula.
- Dialogue sobre formas de violência intrafamiliar com a intenção de conscientizar sobre a diferença entre violência e cuidado.
- Reflita sobre seu papel na construção da autopercepção de estudantes de si e de suas relações com as outras pessoas.
- Estimule a conscientização sobre todas as formas de violência e modos de enfrentamento.
- Em caso de suspeita de abuso, converse tranquilamente, sem responsabilizar ou culpabilizar quem quer que seja. Tenha cautela e ofereça apoio e conforto. Evite promessas de ações difíceis ou impossíveis de realizar.
- Busque respaldo com a administração da escola, sugerindo que uma pessoa bem preparada faça contato com a família: evite atitudes preconceituosas ou predisposição a “encontrar o culpado”.
- Como atitudes de reação e negação são frequentes, a escola pode recorrer a um serviço especializado no atendimento às vítimas da violência. O Conselho Tutelar apoia a efetiva aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Maria da Vila Matilde (2015)

Elza Soares

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
 E joga água fervendo se você se aventurar

Eu solto o cachorro e, apontando pra você
 Eu grito: Péguis-ss-ss-ss
 Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
 E joga água fervendo se você se aventurar

Eu solto o cachorro e, apontando pra você
 Eu grito: Péguis-ss-ss-ss
 Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
 Eu mostro o roxo no meu braço
 Entrego teu baralho, teu bloco de pule
 Teu dado chumbado, ponho água no bule
 Passo e ainda ofereço um cafezin
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço



<https://youtu.be/y6V8L8xn7g>



Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
 E joga água fervendo se você se aventurar

Eu solto o cachorro e, apontando pra você
 Eu grito: Péguis-ss-ss-ss
 Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
 Eu capricho no esculacho
 Digo que é mimado, que é cheio de denço
 Mal acostumado, tem nada no quengo
 Deita, vira e dorme rapidin
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

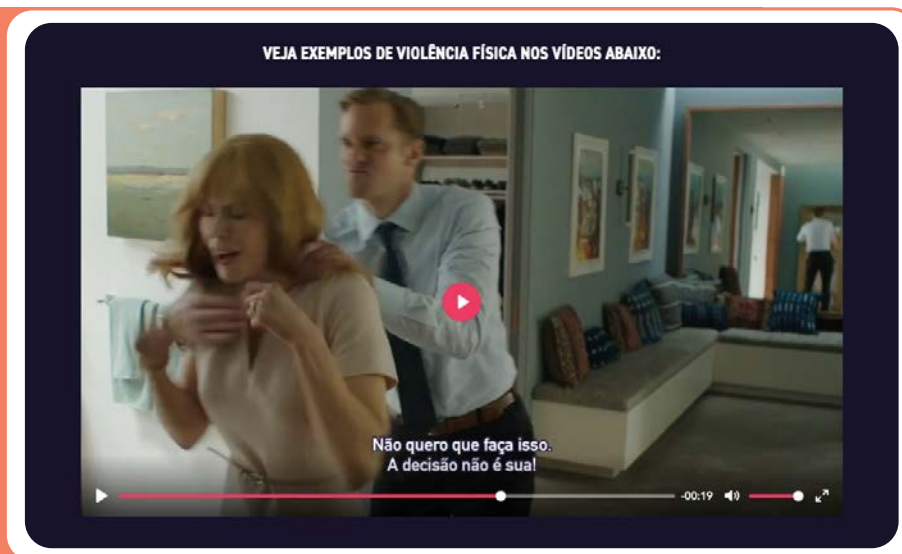
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
 Dedo, cheio de unha suja
 E pra cima de mim?
 Pra cima de moi? Jamé, mané!

Comentários

Programas de instituições públicas e privadas voltados à proteção da criança, do adolescente e da família podem ser procurados, pois propiciam importante contribuição para o efetivo apoio à vítima, orientam sobre como evitar a violência e indicam os procedimentos para o bom encaminhamento dos problemas.

Além disso, é importante que a escola trabalhe conceitos de direitos humanos, entendendo crianças e adolescentes como sujeitos de direito. Nessa perspectiva, é fundamental possibilitar o conhecimento a mães, pais, responsáveis, professoras, professores e toda a comunidade escolar, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), zelando por sua efetiva aplicação.



<https://www.180play.com.br/2/>

180 Play

Streaming do projeto do Instituto Maria da Penha
Diversas cenas de filmes, séries e novelas que tratam de violências contra a mulher.

EVITANDO OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Introdução

Sabemos que os estereótipos surgem ligados aos preconceitos, afetando as relações interpessoais. Aparecem de maneira rígida, anônima, reproduzindo imagens e comportamentos que se refletem no ambiente escolar. A imagem estereotipada é produzida automaticamente, sem considerar a individualidade.

Exemplos: Algumas pessoas não entendem bem matemática e ciências. Outras são mais fracas, outras mais fortes. Outras são mais sensíveis, outras mais práticas. Estereótipos como esses têm como efeito “justificar” uma suposta inferioridade de algumas pessoas.

Objetivos

- Mudar atitudes preconceituosas que tratam mulheres, pessoas LGBTQIA+ e não brancas como se pertencessem a uma categoria inferior.
- Ensinar que cada pessoa é única, independente de seu gênero, sua orientação sexual, sua etnia, tendo seu valor e seus méritos.
- Transmitir e despertar hábitos saudáveis que valorizem a diversidade e a equidade de gênero.

Sugestões

- Por meio da autoavaliação (Parte II), verifique se você tem tendência a impor estereótipos em sala de aula. Use a autoavaliação como veículo para aumentar sua consciência quanto à utilização de estereótipos e de preconceitos de gênero.
- Atenção aos livros didáticos que, sutilmente, transmitem e situam as pessoas de forma estereotipada.
- Utilize esses materiais como fontes de discussão, adicionando informações que contemplem a igualdade, a equidade e a diversidade – por exemplo: pessoas que

se destacaram na história em outras realidades, atuais e passadas (mulheres e pessoas LGBTQIA+ e negras parlamentares, pesquisadoras, esportistas etc.).

- Fique alerta e mostre, no momento exato, ações estereotipadas de estudantes.
- Pense sempre em não cometer injustiças e reforçar preconceitos injustificáveis.

Comentários

O combate aos estereótipos consiste na eliminação dos preconceitos em geral, oferecendo igualdade de direitos, oportunidades e respeito a todas as pessoas.

TRABALHANDO COM A ESCOLA, A FAMÍLIA E A COMUNIDADE

Introdução

As mudanças obtidas na sala de aula refletem-se em casa, quando crianças e adolescentes convivem com suas famílias. Na escola, o corpo docente interage entre si e com os demais profissionais da escola. Como em toda a sociedade, nesses ambientes podem existir forças contrárias aos esforços para promover a diversidade, a igualdade e a equidade de gênero. Por isso, é preciso trabalhar junto a colegas, a famílias e à comunidade, para cultivar e disseminar a diversidade, a igualdade e a equidade de gênero. E também se preparar para a interlocução com pessoas que eventualmente se sintam desconfortáveis com este Guia, pois preferem manter o *status quo*.

Às vezes, vem das próprias mães o medo de abrir espaço para que suas filhas alcancem uma posição de igualdade. Por exemplo: um professor de Educação Física conta que ensinou toda a turma a lavar as camisetas sujas, depois da prática de esportes. No início, algumas mães reclamaram, dizendo que somente as meninas deveriam lavar as roupas e ainda pediam que elas lavassem as camisetas de seus irmãos. Mais tarde, após um trabalho de aculturação, a orientação do professor foi elogiada pelas mães que passaram a valorizar e a divulgar o procedimento.

Objetivos

- Divulgar os conceitos diversidade, igualdade e equidade de gênero na escola, nas famílias e na comunidade. É importante que as atividades referentes a essas ideias sejam integradas entre si.

Sugestões - Escola

- Encontrar colegas docentes que também queiram trabalhar a questão de gênero, compartilhando ideias e materiais didáticos.





POR QUE DISCUTIR GÊNERO NA ESCOLA?
 Cartilha da Ação Educativa - Jovens Agentes
 pela igualdade de gênero na escola (Jadig)
<https://url.gratis/Vt7XEa>

- Encontrando materiais marcadamente preconceituosos, sexistas, fale com a coordenação pedagógica e explique por que devem ser substituídos por outros.
- Troque ideias com colegas, observando mutuamente seus desempenhos e o que poderiam fazer para melhorar a percepção individual e coletiva sobre diversidade, igualdade e equidade de gênero.
- Convide instituições especializadas na temática para dar palestras ou fazer oficinas sobre diversidade, igualdade e equidade de gênero em sua escola.

Sugestões - Família

Antes da escola, as crianças convivem com pessoas que nem sempre têm acesso a conceitos nítidos sobre a questão de gênero. Assim, é comum um aprendizado inicial de caráter sexista – o que gera, para a escola, grande dificuldade em mudar essas representações. A conscientização da família sobre os preconceitos pode ser trabalhada nas reuniões com responsáveis. O exemplo da escola tem forte impacto na fixação do conhecimento.

Outro problema grave, que surge com frequência na escola, é a questão da violência doméstica. Educadores precisam estar atentos aos sinais que indicam constrangimentos e abusos contra crianças e adolescentes. Mudanças de comportamentos, irritabilidade, choro, resistência em voltar para casa são alguns dos indicadores de que algo não vai bem.

- Tenha atenção redobrada aos comportamentos de crianças e adolescentes, que sempre refletem o cotidiano vivenciado no lar. Violência física, emocional e sexual são mais comuns do que se supõe, vitimando-as. Oferecer apoio nessas situações é de enorme valor e pode evitar danos irreparáveis.
- Tente conhecer e compreender as dificuldades, os problemas e as qualidades, não só de estudantes, como também de suas famílias. Convide responsáveis a visitar a sala de aula e aproveite para conversar sobre igualdade, equidade e diversidade de gênero.
- Ofereça informações às famílias para ajuda-las a não estereotipar as crianças dentro de papéis rígidos, baseados na díade masculino-feminino.

Sugestões - Comunidade

- Utilize recursos da comunidade e convide pessoas para fazer palestras sobre as questões de gênero.
- Utilize os materiais disponibilizados pelas diversas organizações públicas e privadas.
- Convide organizações e ativistas em defesa da igualdade de gênero e da diversidade de gênero a vir à escola e relatar experiências.
- Fale com autoridades locais sobre a importância do ensino com diversidade,

igualdade e equidade de gênero. Convide-as a observar na sua escola atividades ligadas a essas questões.

- Encoraje, divulgue e apoie leis federais, municipais e estaduais que promovam o acolhimento à diversidade, à igualdade e à equidade de gênero.

ATIVIDADES PARA O 8 DE MARÇO, DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Introdução

O Dia Internacional da Mulher foi proposto por Clara Zetkin (1857-1933), membro do Partido Comunista Alemão que militava junto ao movimento operário e se dedicava à conscientização feminina [...]. Ao participar do 2º Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhagem, em 1910, Clara Zetkin propôs a criação de um Dia Internacional da Mulher sem definir uma data precisa (em alguns países, o dia foi comemorado em 28 de fevereiro ou em 15 de março). A ONU instituiu, em 1975, o 8 de Março como Dia Internacional da Mulher (BLAY, 2001, p. 601-608).

É também um dia para refletir sobre as conquistas, pedir mudanças e celebrar a coragem de mulheres comuns e seu papel na história (www.un.org/women). No Brasil, esse dia é celebrado por grupos de mulheres e também em escolas, universidades, organizações públicas e privadas, o que abre possibilidades de envolver famílias e comunidades nas atividades que encorajam a diversidade, a igualdade e a equidade de gênero.

Objetivos

- Destacar esses dias como especiais no calendário.
- Aproveitar cada uma dessas datas para abordar o tema da diversidade de gênero zas lutas para conquistar a igualdade e a equidade social.

Sugestões

- Organize exibição de filmes ou monte painéis com recortes de revistas, jornais etc. sobre essas datas.
- Promova encontros das comunidades locais.
- Estimule palestras e debates com pessoas que trabalham com a diversidade de gênero. Faça o mesmo com pessoas que tenham profissões não tradicionais.
- Provoque discussões que revelem a visão de estudantes sobre a diversidade de gênero.
- Monte dramatizações da vida cotidiana, como a preparação de um almoço em família, uma festa no bairro, e discuta a forma de agir de pessoas de diferentes gêneros nesses eventos.



Comentários

Essas atividades não devem ser desenvolvidas por conta apenas dessas datas, mas durante todo o ano letivo, pois todo dia é dia de diversidade, de igualdade e de equidade de gênero.

A questão de gênero precisa estar presente no projeto pedagógico da escola, sendo trabalhada em todas as disciplinas.

Para mais ideias, consulte a página das Nações Unidas para o Dia Internacional da Mulher (em inglês)

<https://www.un.org/en/observances/womens-day>

Como evitar o sexismo na linguagem

A nossa linguagem é tipicamente masculina. Basta lembrar que o termo homem significa humanidade, ser humano. Quando dizemos que o homem conquistou a Lua, significa que a humanidade a conquistou. Será que somente a forma masculina na linguagem deve ser universal e englobar todas as pessoas?

Vejam os:

- Os pronomes indefinidos *ninguém, alguém, outrem* não são considerados nem masculinos nem femininos, pois não identificam o gênero gramatical. No entanto, a concordância nominal é feita com o adjetivo em sua forma masculina: “ninguém é tão bobo para acreditar nessa história”.
- Quando ocorre a presença dos dois gêneros gramaticais, o adjetivo anteposto ou posposto é, obrigatoriamente, regido pelo masculino plural: “homens e mulheres foram eleitos”; “foram aprovados o menino e a menina com melhores notas”.

Mais recentemente, buscando uma linguagem inclusiva também para pessoas não-binárias, de gênero neutro ou andrógenas, tem sido comum o uso da letra “x”, do símbolo “@” ou da letra “e” substituindo as vogais “a” e “o”. Por exemplo: “amig@s”, “amigxs” ou “amigues” no lugar de “amigas” e “amigos”.

Ainda que pela força do hábito pareça difícil implementar mudanças na nossa forma de nos comunicar, é imprescindível reconhecer a função da linguagem e seus impactos nas relações sociais. Por isso, a atenção no uso de uma linguagem mais neutra e inclusiva deve permear nosso dia-a-dia.

Objetivos

- Conscientizar sobre o sexismo na linguagem.
- Oferecer alternativas que proponham diversidade, igualdade e equidade de gênero.



Linguagem Neutra

Jonas Maria



[https://youtu.be/
UcQvzqqMdq4](https://youtu.be/UcQvzqqMdq4)

SUGESTÕES E POSSÍVEIS SOLUÇÕES

USOS CORRENTES	POSSÍVEIS SOLUÇÕES	COMENTÁRIOS
O homem, os homens.	A humanidade. Os seres humanos, as pessoas.	Evitar o uso genérico de o homem, os homens.
Os Direitos do Homem. Os Direitos dos Homens.	Os Direitos Humanos. Os Direitos da Humanidade.	São direitos de todas as pessoas.
Menino brinca com bola. Menina brinca com boneca.	Não há brinquedo ou brincadeira específica para cada gênero. Crianças e adolescentes podem e devem brincar com qualquer brinquedo ou participar de qualquer brincadeira.	Evitar o uso de expressões como “isto é brinquedo de menino”, “esta brincadeira é de menina”.
Imagem e representação: As posições de comando e poder são sempre masculinas. Geralmente, as mulheres aparecem como esposas e mães.	Desenvolver a visão de que qualquer pessoa tem o direito a desempenhar qualquer atividade e alcançar qualquer posição profissional. Os preconceitos e a desigualdade social é que impõem barreiras a grupos inferiorizados. Destacar que as mulheres podem ter outro estado civil, além do de esposas. Aos homens tem sido negada a visibilidade da função paterna.	Demonstrar que é necessário haver oportunidades iguais para todas as pessoas.
Nas áreas de educação e saúde atualmente predominam as mulheres, ao passo que nas áreas de exatas os homens são maioria. Os homens constroem a história.	Atualmente, a diversidade de gênero está presente em atividades de todos os setores e campos profissionais. Em algumas áreas, elas são presença marcante, inclusive assumindo funções de chefia. Todas as pessoas constroem a história. As mulheres e os homens constroem a história.	Demonstrar que a diversidade de gênero opera no mercado de trabalho. Tanto existem professores e enfermeiros, como químicas e técnicas em informática etc. Ressaltar que a atividade profissional não é extensão do lar. Apresentar o papel das mulheres em cada momento histórico.
Menino não chora. Forte como um menino. Frágil como uma menina.	Todas as crianças, adolescentes e adultos choram. Ao mesmo tempo, são fortes e têm coragem da mesma forma.	Considerar toda a turma como pessoas igualmente capazes, em termos de maturidade, autocontrole, doçura, egoísmo, sensibilidade, motivação, rudeza, subjetividade etc.
Em alguns livros escolares, a mulher aparece exercendo atividades no lar; o homem, no escritório, na oficina etc.	Dar visibilidade à diversidade de gênero. Destacar o trabalho doméstico e cuidado familiar como responsabilidade de todas as pessoas.	Apresentar a diversidade de gênero em todos os cargos e funções profissionais, destacando que todas as pessoas são competentes.
Nas ilustrações, as mulheres e os homens aparecem comumente em grupos separados.	Equilíbrio nas ilustrações e representações de personagens diversos na expressão de papéis de gênero. Situações em que as personagens compartilhem atividades e responsabilidades, independente do gênero. Nas representações, não deve haver isolamento e divisão entre os diversos gêneros. O estudo de gênero deve estar integrado ao cotidiano das disciplinas e da escola.	Estimular a presença de modelos femininos, positivos e fortes, com os quais as meninas possam se identificar e desenvolver autoconfiança. Evitar desequilíbrio nas representações. Mostrar que contribuições e experiências de cada gênero são essenciais e decisivas à evolução da sociedade.
É usual estudar o tema mulher e gênero somente fora do currículo escolar.	O estudo de gênero deve estar integrado ao cotidiano das disciplinas e da escola.	É importante integrar a questão de gênero aos princípios e valores fundamentais da educação, de modo que a experiência escolar contribua para a tolerância à diversidade, à igualdade e à equidade entre as pessoas.

Considerações finais

Para erradicar o sexismo, a intolerância à diversidade e toda forma de preconceito no cotidiano das pessoas não basta apagar indícios dessas concepções dos manuais e livros escolares. É necessária também a mudança de mentalidade, tanto de quem educa, quanto das famílias e da sociedade em geral. As questões da diversidade de gênero podem ser tratadas em todas as disciplinas, de forma transversal, e incluídas no projeto político-pedagógico da escola.

O ensino com diversidade, igualdade e equidade de gênero é um processo contínuo, que passa por uma variedade de atos e iniciativas, como:

- Disposição física e decoração da sala de aula.
- Seleção de material pedagógico — escrito, visual, audiovisual, entre outros.
- Linguagem, atitudes e reações de quem educa, dentro e fora da sala de aula.
- Elaboração de planos e atividades de aula que envolvam questões de diversidade e gênero.
- Autoavaliação, por parte de docentes, de suas próprias atitudes, preconceitos e valores, com atenção à forma como exteriorizam seus pensamentos sobre os papéis sociais. (Veja Parte II: Autoavaliação)

A educação com base na diversidade, na igualdade e na equidade de gênero leva a novas dimensões no processo educativo, desde as vivências no cotidiano até as formas mais elaboradas da construção do conhecimento. Nesse sentido, deve reconhecer as diferenças como constituintes de uma sociedade plural e rica social e culturalmente, trabalhando-as para romper as discriminações historicamente estabelecidas.

As pessoas são diferentes entre si. Mas não precisam ser desiguais. As meninas não são inferiores, não são menos ousadas, nem menos empreendedoras e inteligentes. Da mesma forma, os meninos não precisam ser menos doces, menos afetuosos, menos tolerantes.

Para eliminar os preconceitos, é necessário integrar ao cotidiano da prática pedagógica exemplos, referências e atividades que fomentem a reflexão sobre o tema e uma



Foto: Lego/Reprodução

LEGO INCLUSIVO

A empresa Lego lançou, em 2021, um conjunto de peças em celebração ao orgulho LGBTQIA+. São 11 miniaturas de 11 cores em alusão à bandeira arco-íris, símbolo da comunidade gay. <https://casa.abril.com.br/design/lego-lgbtq/>

efetiva mudança de mentalidade.

Concluindo, destacamos trechos de documentos da Organização das Nações Unidas (ONU) que consolidam a visão educacional desejável para que crianças e jovens de hoje sejam agentes de transformação e evolução para um mundo com menos injustiças e mais fraterno.

Relatório da 4ª e última Conferência Mundial sobre a Mulher, ONU, Beijin (China), 1995

“Educação é um direito humano e uma ferramenta essencial para obter igualdade, desenvolvimento e paz. A educação não discriminatória será benéfica para meninas e meninos e contribuirá para um relacionamento mais igualitário entre homens e mulheres. A igualdade de acesso à qualificação educacional será necessária se mais mulheres forem agentes da transformação. A alfabetização das mulheres é uma chave importante para melhorar a saúde, a nutrição, a educação na família e possibilitar a participação das mulheres nos processos decisórios da sociedade. Os investimentos na educação formal e informal e treinamentos para meninas e mulheres, com um retorno social e econômico extremamente alto, já provaram ser um dos melhores métodos para se obter o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico, ambos sustentados e sustentáveis (ONU, 1995, p. 29).

Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, 1989:

[...] a educação da criança deverá estar orientada no sentido de: a) desenvolver a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física da criança em todo o seu potencial; b) imbuir na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta da ONU; c) imbuir na criança o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país em que reside, aos do eventual país de origem, e aos das civilizações diferentes da sua; d) preparar a criança para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e pessoas de origem indígena; e) imbuir na criança o respeito ao meio ambiente... (ONU, 1989, art. 29).

Posfácio

A publicação Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência – Guia Prático para Educadores e Educadoras foi fruto da convergência acadêmica de dois órgãos da Universidade de São Paulo (USP). Um é o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (Nemge), um dos Núcleos de Apoio à Pesquisa vinculados à Pró-Reitoria de Pesquisa, cuja relação com o tema do **Guia** é indicada já na sua denominação. O outro é a Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais (Cecae), área vinculada à reitoria voltada ao aumento da “porosidade” da universidade.

Um dos campos de atuação da Cecae, o Programa de Cooperação Universidade – Sistema Educacional, abrigava o Polo de Suporte Técnico ao Programa Nacional de Atenção à Criança e ao Adolescente (Pronaica) no Estado de São Paulo. O Pronaica, criado em 1993, era uma iniciativa do então Ministério da Educação e do Desporto (MEC) com o objetivo de “garantir à criança e ao adolescente seus direitos fundamentais e seu desenvolvimento integral, com vistas ao seu preparo para o exercício da cidadania”.

Buscando inovar na forma de contribuir para esse objetivo relevante, o Cecae estabeleceu uma parceria com o Nemge, a fim de incluir a questão de gênero, então muito pouco presente na agenda nacional, no escopo das ações da USP voltadas às cruciais etapas iniciais do processo educacional. Em 1996 foi publicada a primeira edição. O lançamento coincidiu com a assinatura – em 8 de março de 1996, Dia Internacional da Mulher – do Protocolo de Cooperação entre os Ministérios da Justiça e o MEC, com vista à promoção da igualdade de direitos entre homens e mulheres, representando, talvez, a primeira concretização efetiva do espírito do Protocolo.

O **Guia** foi bem recebido e amplamente distribuído na rede pública de ensino. Com o esgotamento do estoque original (eram tempos de publicações exclusivamente disponíveis em papel), foi lançada uma segunda edição, com o apoio do CNPq. A segunda edição – comemorativa dos dez anos do lançamento do **Guia** – revista e ampliada, teve também o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP pelo Programa Pró-Divulga. O **Guia** foi escolhido por ser uma obra inserida nos objetivos desse Programa, atendendo aos requisitos de generalidade (texto acessível ao grande público), profundidade (linguagem precisa conduzindo à reflexão) e autoridade (equipe especialista na área de gênero).

Por razões diversas, Nemge e Cecae foram descontinuados. Assim, o Instituto de Estudos Avançados (IEA) assumiu a missão de atualizar substancialmente o **Guia** e reeditá-lo, desta vez em formato digital. O **Guia** dialoga com as múltiplas atividades da Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica, parceria da USP-IEA com o Itaú Social.

Ainda que tenham mudado os órgãos que cuidam do **Guia**, a equipe nuclear de pesquisadoras permanece ao longo das três edições. O lançamento da presente terceira edição, novamente revista e sensivelmente ampliada no escopo, reitera o compromisso permanente da USP de cultivar criativamente nas novas gerações a essencial causa da igualdade e equidade de gênero.

Guilherme Ary Plonski - Diretor do IEA

AUTORAS DA 1ª E DA 2ª EDIÇÕES

Profª Drª Rosa Ester Rossini
Drª Rochelle G. Saidel
Drª Sonia Alves Calió
Isamara Lima de Jesus

MENSAGENS - 1ª EDIÇÃO

Apesar das grandes conquistas sociais de nosso tempo, ainda vivemos um momento em que as relações entre homens e mulheres, entre meninos e meninas, não ocorrem de forma igualitária, acarretando prejuízos para ambos os sexos. Estou certo de que a escola é o cenário ideal para a formação do conceito de equidade nas relações de gênero, com possibilidade de proporcionar a crianças e adolescentes uma atitude que venha abolir a discriminação e os estereótipos ligados ao gênero. O tempo de permanência, as múltiplas possibilidades de convívio entre meninos e meninas e, mesmo, o desenvolvimento das atividades curriculares, tornaram a escola o local e o momento privilegiados para a abordagem de tão importante questão que é, em essência, uma questão educacional.

Prof. Dr. Paulo Renato Souza
Ministro da Educação e do Desporto

Ao tratar o tema, vejo-me obrigado a fazer um breve relato histórico de como os governos têm utilizado o esporte como instrumento de política social. Embora a intenção seja a de transmitir uma abordagem desta questão sob a ótica meramente histórica e subjetiva, é inevitável que seja interpretada como pensamento crítico. No Brasil Império, devemos entender a abordagem da atividade esportiva fomentada pelo Estado, especialmente no aspecto da definição dos papéis sociais dos indivíduos, delimitando claramente o comportamento masculino e feminino em nossa sociedade. A preocupação central do Estado na definição dos papéis sociais estava na ênfase dada à estereotipação da postura política do homem e da mulher, uma preocupação mais próxima da dominação do “corpo forte, ativo, flexível” sobre o “corpo frágil, passivo e dependente”, do que propriamente da educação integrada e libertadora que o esporte potencializa, independentemente do sexo ou qualquer outra modalidade discriminatória. Temos trabalhado ativamente na promoção do chamado esporte socioeducacional. Ou seja, utilizando o esporte fundamentalmente como veículo de promoção da cidadania nos segmentos definidos como prioritários: as crianças e os/as adolescentes de baixa renda. Não quero perder a oportunidade de lembrar que o esporte, ao contrário do que muitos pensam, é algo muito sério e extremamente importante para a formação da cidadania, do caráter, da personalidade, da saúde, bom como para a inserção social e econômica do/da cidadão/dã.

Edson Arantes do Nascimento - Pelé
Ministro Extraordinário dos Esportes

A Secretária-Geral da 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, recentemente organizada em Beijin (China) pelas Nações Unidas, mencionou que a questão fundamental para a

contribuição efetiva das mulheres ao desenvolvimento nacional no século 21 é “se elas serão suficientemente equipadas para participar de forma completa”. Penso, da mesma forma que a Sr^a. Gertrude Mongella, que isso será conseguido apenas se elas puderem “receber uma educação de qualidade, que as prepare para entrar em todos os campos, que as exponha a ciência, tecnologia e comunicações, e que estimule a sua criatividade”. Este Guia Prático, preparado pela equipe do NEMGE para o Projeto USP/PRONAICA, coordenado pela CECAE, é parte desse esforço coletivo de oferecer às meninas, assim como aos meninos, oportunidades iguais na escola de hoje – em particular nos CAICs, de maneira que elas e eles possam contribuir igualmente à sociedade brasileira como as mulheres e os homens de amanhã. Estou orgulhoso da participação da Universidade de São Paulo num processo que tem o potencial não apenas de melhorar a condição das mulheres, mas também a dos homens e, em verdade, de aprimorar o nosso país.

Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes
Reitor da USP

Na qualidade de docente da Faculdade de Educação da USP e integrante do Conselho Nacional de Educação, tenho interesse especial neste Guia para o ensino e educação visando à igualdade de gênero. Não apenas no Brasil, como também em praticamente todos os países, os currículos e os textos didáticos contêm, de forma geral, preconceitos de gênero. Raramente contemplam considerações específicas para meninas e apresentam posições preconceituosas e discriminadoras, tanto nos textos, como nas ilustrações. Dessa forma, as escolas reforçam os papéis tradicionais femininos e masculinos, que impedem as mulheres de conquistar oportunidades para trabalharem e viverem em condições de igualdade. Este Guia, elaborado pela equipe do NEMGE, é uma contribuição significativa para aumentar a consciência de gênero na escola e dar as mesmas oportunidades para homens e mulheres.

Prof^a. Dr^a. Myriam Krasilchik
Vice-Reitora da USP

O NEMGE/USP é um dos núcleos de apoio à pesquisa da Universidade de São Paulo. Por vezes, imagina-se que a pesquisa acadêmica permaneça confinada no interior dos muros da Universidade. Este Guia, contudo, mostra um exemplo concreto de pesquisa onde é visível a preocupação com o uso prático e com o impacto de seus resultados. Na verdade, a razão primeira de nossa atividade de pesquisa é a busca de resultados que melhorem a qualidade de vida das pessoas que habitam o Brasil. Mas, nem sempre é possível dar fácil visibilidade aos elos que conectam os resultados da pesquisa e seus efeitos sociais. A motivação deste Guia é contribuir para que os futuros homens e mulheres deste país aprendam a viver numa sociedade livre dos preconceitos de gênero. As sugestões práticas nele contidas – ideias básicas e sugestões para educadores e educadoras que atuam com crianças e adolescentes – germinaram da pesquisa científica e deverão ajudar meninos e meninas a ter uma convivência mais construtiva e, por conseguinte, uma vida melhor, agora e no futuro.

Prof. Dr. Hugo A. Armelin
Pró-Reitor de Pesquisa da USP

As diretrizes de política cultural da Universidade de São Paulo contemplam os valores humanos como pontos essenciais da vida acadêmica. Eis uma razão, além das mais óbvias, para vermos com entusiasmo esta publicação do NEMGE e da CECAE, visando à orientação do professorado de 1º e 2º graus em torno de um princípio irrenunciável, que é a equidade entre homens e mulheres. Infelizmente, apesar dos avanços verificados nas últimas décadas, esta ainda não é uma questão resolvida na sociedade contemporânea. Custa crer que o mundo moderno, tendo evoluído tanto em conquistas tecnológicas, chegue ao final do século 20 mantendo traços primitivos de comportamento no plano das relações humanas. Tendo a escola como *locus* principal para a formação da cidadania, este Guia visa o alvo certo para corrigir, no Brasil, uma distorção inaceitável da vida em sociedade. A escola, núcleo formador de mentalidades, deve ser a trincheira preferencial na luta contra todas as formas excludentes, dentre as quais avulta o sexismo ou preconceito de gênero. O NEMGE/USP e a CECAE/USP, divisando este caminho, sublinham criativamente uma das missões mais nobres da Universidade.

Prof. Dr. Jacques Marcovitch
Pró-Reitor Cultura e Extensão da USP

“Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças”, comentou uma vez Fernando Pessoa. Este é um Guia para crianças e adolescentes escrito para adultos – educadores e educadoras que têm a responsabilidade de preparar as novas gerações para lidar com os desafios do futuro. Constitui a materialização prática dos estudos encomendados à dedicada equipe do NEMGE/USP, no contexto das atividades de nossa Universidade como Polo de Suporte Técnico, no Estado de São Paulo, ao Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Pronaica). Trata-se de iniciativa do MEC, com o apoio do FNDE, com base na Lei 8.642/93. Cabe destacar duas características do Guia: a inovação e a oportunidade. O aspecto inovador está na busca de formas práticas, culturalmente adequadas, para lidar efetivamente com a questão de gênero nos estágios da formação intelectual e social. A oportunidade está relacionada às mudanças contemporâneas, onde fenômenos tais como o desemprego afetam mais intensamente as mulheres, reque-rendo uma ação articulada da sociedade. Ainda que tenha sido desenvolvido sob a ótica dos Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAICs), ambiente particularmente favorável para se lidar sistemicamente com a questão do gênero, temos a convicção de que o Guia será útil em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas.

Prof. Dr. Guilherme Ary Plonski
Coordenador da CECAE da USP

Ao realizar pesquisas que lidam com a sensibilidade de homens e mulheres, propondo novas atitudes e novos olhares ali onde as relações de cidadania se constroem – na escola –, o NEMGE/USP contribui para o desenho de uma sociedade mais justa. Reunindo pesquisadores e pesquisadoras de diferentes áreas, o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da Universidade de São Paulo, existente desde 1985, promove pesquisas, cursos, seminários, realizando o ideal universitário da inter e da multidisciplinaridade.

Profª. Drª. Dulcília H. S. Buitoni
Coordenadora do NEMGE da USP

MENSAGENS - 2ª EDIÇÃO

A pesquisa sobre o tema gênero e as questões que o permeiam, como preconceito e a conquista da igualdade, assume caráter fundamental, sobretudo quando se quer atingir a infância e a adolescência.

É a partir das etapas iniciais da vida que se transmitem os valores essenciais para a formação da cidadania e se investe na correção de distorções que possam comprometer a vida em sociedade. O Guia Prático sobre Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência, destinado a educadores e educadoras e elaborado pela equipe do Núcleo de Estudos da Mulheres Relações Sociais de Gênero/USP, discorre sobre os principais aspectos envolvidos no tema. Dedicado aos professores e pesquisadores que desenvolvem estudos na área de gênero, não se furta em incluir a discussão nos planos da escola, da comunidade e da sociedade. Reconheço nessa obra a missão desta Universidade, que trata das grandes questões que preocupam a sociedade com base nas atividades de ensino, pesquisa e extensão que desenvolve e saúde a iniciativa.

Profª. Drª. Suely Vilela

Reitora da Universidade de São Paulo – USP

O texto apresenta orientações práticas a serem realizadas por educadores preocupados em oferecer às meninas e aos meninos oportunidades iguais na escola de hoje, de maneira que possam contribuir igualmente à sociedade brasileira como as mulheres e os homens de amanhã. A motivação deste Guia é a de contribuir para que os futuros homens e mulheres deste país aprendam a viver numa sociedade livre dos preconceitos de gênero. As sugestões práticas nele contidas - ideias básicas e sugestões para educadores e educadoras que atuam com crianças e adolescentes - geminaram da pesquisa científica e deverão ajudar aos mesmos a terem uma convivência mais construtiva e uma vida melhor. O trabalho apresenta estudo sobre a questão do gênero nas propostas, nos conteúdos programáticos e no próprio ensino ministrado nas salas de aula oferecendo sugestões valiosas no que diz respeito a estes temas.

Profª. Drª. Selma Garrido Pimenta

Pró-Reitora de Graduação da USP

A discussão sobre igualdade de gênero é de fundamental importância para a formação da cidadania. Nesse sentido, um Guia que situa o debate na esfera dos valores humanos e se inspira na contribuição acadêmica constituiu-se em um referencial basilar para os educadores que têm diante de si o desafio de promover a equidade entre homens e mulheres. Com *Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência*, temos um instrumento valioso na construção de uma sociedade mais justa.

Prof. Dr. Armando Corbani Ferraz

Pró-Reitor de Pós-Graduação da USP

Quando ganhei o Prêmio Internacional Unesco/L'Oréal para Mulheres na Ciência, em 2001, a primeira pergunta que me fizeram foi: Como é ser mulher cientista no Brasil? Para surpresa de todos respondi que nunca me senti discriminada no meu país no campo da ciência. Acho que podemos afirmar com orgulho que, diferentemente do que ocorre em muitos países, inclusive em vários do primeiro mundo, no Brasil, os dois gêneros têm a mesma oportunidade de seguir uma carreira científica. Entretanto, apesar da mulher brasileira ocupar, cada vez mais, posições de destaque em todas as profissões, ainda existem diferenças de gênero principalmente nas camadas sociais mais baixas. Nesse sentido, ensinar jovens e adolescentes que não somos piores ou melhores, mas que homens e mulheres podem ter aptidões e maneiras de pensar diferentes pode contribuir muito para desenvolver o melhor potencial em cada um de nós.

Profª. Drª. Mayana Zatz
Pró-Reitora de Pesquisas – USP

O livro *Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência – Guia Prático para Educadores e Educadoras* visa combater todas as formas de preconceito e discriminação existentes na família, na escola, no trabalho e nos vários segmentos da sociedade civil. Ele é um instrumento de luta na construção de uma sociedade mais justa com igualdade e equidade de gênero.

O guia almeja também enfrentar o preconceito de gênero nos livros e nos manuais escolares que apresentam imagens estereotipadas e distorcidas sobre os papéis a serem desempenhados por meninas e mulheres e por meninos e homens nas diversas instituições da sociedade e do Estado. Tudo isso evidencia que este guia poderá ser útil e instrutivo, desde que seja devidamente aproveitado pelos educadores, como instrumento introdutório ao estudo das relações de gênero nas escolas brasileiras. A educação funciona como um solvente para dissolver qualquer forma de preconceito de gênero.

Prof. Dr. Sedi Hirano
Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária - USP

O NEMGE, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, é uma entidade que, a partir da Universidade de São Paulo, procura atender toda a comunidade. Com este Guia cumpre a importante tarefa de atualizar docentes, psicólogos e psicólogas escolares, e outras pessoas voltadas à educação, em sua inestimável tarefa de enfrentar a discriminação de gênero. Suas páginas contêm significativos exemplos de como educar crianças e adolescentes e, talvez, os próprios adultos, para compreender que as diferenças entre homens e mulheres não significam que uns são melhores que os outros, que uns mandam e outros obedecem, mas sim que apesar de diferentes somos todos seres humanos iguais.

Profª. Drª. Eva Alterman Blay
Coordenadora Científica do NEMGE – USP

Referências:

bibliografia, leituras, informações e recursos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SUGESTÕES DE LEITURA

AÇÃO EDUCATIVA; JADIG. Por que discutir gênero na escola? 2016. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/publicacao_porquediscutirgeneronaescola.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022.

ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; GRUPO GAY DA BAHIA. Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, 2020: Relatório. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb>. Acesso em: 18 mar. 2022.

AGUIAR, K. Sobre “coisas de menino”. 13 out. 2016. Facebook: gutagaratuja. Disponível em: <https://www.facebook.com/gutagaratuja/photos/a.945700005519492/1156955797727244>. Acesso em: 05 mar. 2022.

ALAMBERT, Z. O papel da educação formal na vida da mulher. MAGNANI, M. A. C. (org.) & alii. A escola e a questão da educação diferenciada. S. Paulo, FDE, 1990.

ALMEIDA, E. Você é homofóbico? Universa. UOL. 10 fev. 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/quiz/2015/02/10/voce-e-homofobico.htm>. Acesso em: 05 mar. 2022.

APUBHUFMG NOTÍCIAS. 07/02 Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas, 2021. Disponível em: <https://apubh.org.br/noticias/07-02-dia-nacional-de-luta-dos-povos-indigenas/>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ASSIS, S. G. Crescer sem Violência. Um desafio para educadores. R. Janeiro, FIOCRUZ/ENSP/ CLAVES, 1994.

ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO NACIONAL ODS SANTA CATARINA. 2021. Disponível em: <https://sc.movimentoods.org.br/agenda-2030/#:~:text=A%20Agenda%202030%20%C3%A9%20um,dentro%20dos%20limites%20do%20planeta>. Acesso em 23 mar. 2022.

BAGAGLI, B. P. Identidade ou ideologia? Algumas repercussões sobre as transgeneridades no campo educacional, p. 127-143. In: CORRÊA, M.; CABALLERO, A.; VERDÚ, M. (orgs).

- Do caos ao caos e vice-versa: intersecções entre filosofia, ciência e arte. Campinas, SP: FE/Unicamp, 2020. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=109806&opt=1>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- BAGAGLI, B. P. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. Letras Escreve. Macapá, v. 7, n. 1, 1º sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/3073/pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- BECK, A. 2272/16. 03 dez. 2016. Facebook: armandinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/1361737397204896>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- BLAY, E. 8 de Março: conquistas e controvérsias. Revista Estudos Feministas, vol. 9, no 2, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zSfcjFQPyGjGDwpR53pQcxc/?format=pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: se o Importante é competir, o fundamental é cooperar. S. Paulo, CEPEUSP, 1995.
- CHICO CÉSAR. Mama África. [videoclipe] (1994), YouTube, 10 ago. 2009 (4m20s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oBdmw_4ljAw. Acesso em: 05 mar. 2022.
- DESIGUALDADE financeira entre homem e mulher. Escola do Futuro, YouTube, 25 mai. 2018 (4m42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E6jjQP4KXGg>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- ELZA SOARES. Maria da Vila Matilde. [áudio] (2015), YouTube, 12 jul. 2016 (3m45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6V8lL8xn7g>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- EMICIDA. Mãe. [videoclipe] (2016), YouTube, 06 mai. 2016 (7m20s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D_-j32_Ryc0&t=82s. Acesso em: 05 mar. 2022.
- FAVERO, S. Cisgeneridades precárias: raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 13, n. 20, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/18675>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. Global Gender Gap Report. 2021. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf. Acesso em: 03 mar. 2022.
- IDRLABS INTERNATIONAL. Teste de homofobia. [adaptado de] WRIGHT, Lester; ADAMS, Henry; BERNAT, Jeffrey. Homophobia scale. 2022. Disponível em: <https://www.idrlabs.com/pt/homofobia/teste.php>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- INSTITUTO PROMUNDO. Educação e Esporte para a Igualdade: Guia de Atividades do Projeto Praticando Esporte, Vencendo na Vida! 2016. Disponível em: https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2016/06/PraticandoEsporte_Guia_24MAI.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO PROMUNDO. Materiais educativos. Recursos. [20-?]. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/?tipo=materiais-educativos&area=&pesquisa=>. Acesso em: 05 mar. 2022.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA; INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO. Você já ouviu falar sobre a igualdade de gênero? Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2019. Disponível em: http://www.legh.cfh.ufsc.br/files/2015/11/cartilha-de-genero_13x10CORRIGIDA-2019.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022.

LEGO. Everyone is awesome Lego® set celebrates fans' diversity. Disponível em: <https://www.lego.com/en-us/aboutus/news/2021/may/everyone-is-awesome>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LEMOS, P. M.; ANDRADE, A. G. de S.; CARDOSO, B. M. L. Subvertendo gênero: o lugar da não-binaridade numa análise discursiva de conteúdos midiáticos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 9, n. 3, p. 314-326, 2020. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3132>. Acesso em: 20 mar. 2022.

LIMA, V. L. D. de; LAUBE L.; BARRA, E. S. de O. Diversidade, pluralidade e gênero nos livros didáticos de filosofia, PNLD 2018. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 11, n. extra 3, p. 86-100 (edição especial dedicada ao Ensino de Filosofia e Questões de Gênero), 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/53960>. Acesso em 18 mar. 2022.

LINGUAGEM neutra: principais críticas. Jonas Maria, YouTube, 29 mar. 2020 (11m05s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UcQvzqqMdq4>. Acesso em: 05 mar. 2022.

LIONCO, T.; DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 307-324, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 mar. 2022.

LOPES, B. K. M.; LIMA, I. da S.; NOGUEIRA, P. N.; LIMA, L. R. de. Violência contra a população LGBTQIAPN+: um estudo reflexivo. *Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)*, v. 8, nov. 2021. ISSN 2446-6042. Disponível em: <http://reservas.fcrs.edu.br/index.php/eedic/article/view/4876>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LOURO, G. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MICHEL, A. *Não aos estereótipos: vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares*. S. Paulo, UNESCO / CECF, 1989.

NEGRÃO, E. V. *A imagem da mulher no livro escolar*. FDE, A escola e a questão da educação diferenciada. S. Paulo, 1990.

NOSSAS vidas (versão reduzida). Direção: Dilma Loes (1985), YouTube, 08 mar. 2016 (33m32s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0NPAmHs6efc>. Acesso em: 05 mar. 2022.

ONU Mulheres e União Europeia lançam currículo e planos de aulas para o ensino médio sobre igualdade de gênero e enfrentamento à violência contra as mulheres e meninas. O valente não é violento. ONU Mulheres, 24 jul. 2015. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-uniao-europeia-lancam-curriculo-e-planos-de-aulas-para-o-ensino-fundamental-sobre-igualdade-de-genero-e-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres-e-meninas/>. Acesso em: 05 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERMACIONAL DO TRABALHO. World employment and social outlook: trends for women 2018. Global snapshot International Labour Office, Geneva, 2018. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_619577.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Report of the fourth world conference on women. ONU, Beijing, 1995. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/tmp/742168.65003109.html>. Acesso em: 05 mar. 2022.

PAGE EXECUTIVE; FUNDAÇÃO DOM CABRAL. A trajetória dos CEO's no Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.pageexecutive.com/br/a-trajetoria-dos-ceos-no-brasil>. Acesso em 05 mar. 2022.

PARA entender como funciona a sociedade cisheteronormativa. Minutos Psíquicos, YouTube, 08 mar. 2016 (5m2s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>. Acesso em: 05 mar. 2022.

PITY. Desconstruindo Amélia. [videoclipe] (2009), YouTube, 07 out. 2011 (3m57s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ygcrCgVxMI&t=138s>. Acesso em: 05 mar. 2022.

PLAN INTERNACIONAL. A revolução das princesas. 2018. Disponível em: <https://www.arevolucaodasprincesas.com.br/#projeto>. Acesso em: 05 mar. 2022.

PLAN INTERNACIONAL. Por ser menina no Brasil. Disponível em: <https://plan.org.br/wp-content/uploads/2021/11/relatorio-por-ser-menina-final.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

PRECIADO, Paul B. Transfeminismo. São Paulo: n-1, 2018. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/book/cordeis/detail_pdf/12. Acesso em: 04 abr. 2021.

REIS, N. dos. (Re)invenções dos corpos nas experiências da não-binaridade de gênero. Letras Escreve. Macapá, v. 7, n. 1, 1º sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3092/pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

REIS, N. dos; PINHO, R. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan-abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 20 mar. 2022.

RODOVALHO, A. M. Cis pelo trans. *Revista Estudos Feministas*. v. 25, n. 1, jan-abr. 2017, p. 365-373. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Ct6B9JMscBjgK4DZgjXQkgn/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022

RODOVALHO, A. M. Não fossem seus pêlos vários [de linhas imaginárias, metáforas e provocações trans]. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 5, p. 23-31, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17173>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ROMÃO, I. *Actividades para uma educação não sexista: sugestões para o ensino pré-primário*. Lisboa, Comissão da Condição Feminina, Coleção Mudar as Atitudes, no 6, 1983.

SÉRIE fala direito comigo: o que é isso, gênero? Clínica de Direitos Humanos da Universidade Federal do Paraná, YouTube, 17 set. 2016 (3m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fdUMofTuUnU>. Acesso em: 05 mar. 2022.

VIANNA, C.; RAMIRES, L. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 345-362, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 fev. 2022.

WHEELER, K. A. *How schools can stop shortchanging girls (and boys): gender-equity strategies*. Wellesley, Center for Research on Women, 1993.

180 PLAY. [Streaming]. Instituto Maria da Penha. 2020. Disponível em: <https://www.180play.com.br/2/>. Acesso em: 05 mar. 2022.

FONTES DE INFORMAÇÃO E RECURSOS

Disque 180: Oferece orientação e encaminhamentos para os serviços da rede de atendimento em casos violência doméstica e de gênero em todo o território nacional.

Disque 100: Oferece orientação e encaminhamentos para os serviços da rede de atendimento em casos de violação de direitos humanos em todo o território nacional.

Isa.bot: Uma robô programada para informar e acolher em casos de violência doméstica ou online. www.isabot.org.

Mapa do Acolhimento: conexão entre psicólogas e advogadas voluntárias e mulheres que sofreram violência de gênero e precisam de ajuda. www.mapadoacolhimento.org.

Mete a Colher: conta com dois projetos em andamento 1) Tina ajuda me, um canal de acolhimento que tem o objetivo de atender, orientar e acompanhar funcionárias de empresas que sofrem qualquer tipo de violência: doméstica, sexual e moral no ambiente de

trabalho; 2) Grupo do Telegram que tem o objetivo de reunir mulheres que precisam de ajuda para sair de uma situação de violência, com outras mulheres que desejam ajudar de forma voluntária. www.meteacolher.org.

Mapa Saúde Mental: lista de serviços públicos de saúde mental disponíveis em todo território nacional, além de serviços de acolhimento e atendimento gratuitos ou voluntários, presenciais ou virtuais, realizados por ONGs, instituições filantrópicas, clínicas escola, entre outros. www.mapasaudemental.com.br.

Casa 1: organização social que presta diversos serviços a população LGBTQIA+ e em vulnerabilidade social no município de São Paulo 1) República de Acolhida, oferece moradia e serviços de assistência social em São Paulo; 2) Clínica Social, atendimento psicoterápico continuado, atendimento psiquiátrico, acompanhamento com nutricionistas, plantão de escuta e diversas modalidades de terapias complementares de forma online 3) Centro Cultural, oferece aulas, cursos, workshops, palestras, exposições, peças de teatro, shows e feiras. www.casaum.org.

Rede Feminista de Juristas: atua na promoção de igualdade de gênero em atividades/ações de advocacy; divulgação de informações sobre direitos; pesquisa e elaboração de teses jurídico-feministas; ações educativas, de capacitação e de comunicação promotoras de igualdade de gênero. <https://defemde.github.io>.

Instituto Pro Bono: visando combater a desigualdade de acesso a justiça, atua atendendo populações vulneráveis e organizações da sociedade civil, aproximando-as de profissionais da advocacia que oferecem serviços de forma voluntária. www.probono.org.br.

Observatório de Sexualidade e Política (SPW): é um fórum global composto de pesquisadoras/es e ativistas de vários países e regiões do mundo. Atua nas arenas políticas globais e iniciativas relevantes diretamente relacionadas à sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, gênero, ativismo LGBT e HIV/AIDS. www.sxpolitics.org.

Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA): organização social feminista e antirracista que tem como estratégias sensibilização e conscientização; articulação e mobilização; advocacy (promoção e defesa de ideias); comunicação política; acompanhamento e controle social. www.cfemea.org.br.

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra: organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros, segmentos sociais que padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo. www.geledes.org.br.

Aliança Nacional LGBTI+: atua na promoção e defesa dos Direitos Humanos e da cidadania da comunidade LGBTI+. www.aliancagbti.org.br.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA): rede nacional que articula em todo o Brasil 127 instituições que desenvolvem ações para promoção da cidadania da população de Travestis e Transexuais. www.antrabrasil.org.

ECOS – Comunicação e Sexualidade: organização da sociedade civil que trabalha pela igualdade de gênero e étnico-racial, direitos sexuais, autonomia e justiça social, desenvolvendo projetos de intervenção comunitária, de comunicação e materiais educativos pela defesa dos direitos sexuais e reprodutivos de jovens, mulheres e população LGBTQI+.
www.ecos.org.br.

Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança e do Adolescente: entidade de assessoramento, defesa e garantia de direitos capaz de intermediar positivamente a relação entre quem precisa de recursos e quem dispõe deles, atuando em incidência política; implementação de programas e projetos; e desenvolvimento de ações de comunicação e engajamento. www.fadc.org.br.

Sobre as autoras

Dr^a Rosa Ester Rossini

Professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP desde 1990, em 2011 assumiu a função de professora sênior. É precursora dos estudos de gênero na geografia do Brasil. É bolsista do CNPq desde 1982. Recebeu, em 2005, a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico do Ministério da Ciência e Tecnologia. É doutora *honoris causa* pelas universidades dos estados de Amazonas, Ceará, Piauí e Rondônia.

Dr^a Rochelle G. Sidel

Diretora fundadora do Remember the Women Institute (Instituto para a Lembrança das Mulheres), organização de pesquisa sediada em Nova York (EUA). Foi pesquisadora-sênior do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da USP (Nemge) por ocasião da publicação das duas primeiras edições deste Guia. É autora ou editora de oito livros sobre o Holocausto, a maior parte dos quais versando sobre as experiências das mulheres.

Dr^a Sonia Alves Calió

Com pós-doutorado em geografia pela USP, é consultora *ad-hoc* do CNPQ e participante de bancas de mestrado e doutorado desde 2003. De 1997 a 2007, foi coordenadora brasileira do Projeto Most-Unesco: relações de gênero, ambientes urbanos precários e governança para as mulheres. Coautora das publicações do mesmo projeto (em francês, espanhol e português). Aposentada, sempre militou no movimento feminista brasileiro.



Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo